

Cartas telepáticas: Projecto de livro-filme

[Telepathic letters:
Book-film project]

Edgar Pêra*

Palavras-chave

Fernando Pessoa, H. P. Lovecraft, Ficção, Poesia, Cinema, Fantástico.

Resumo

O projecto de livro-filme *Cartas Telepáticas*, que tem como protagonistas Fernando Pessoa e Howard Philips Lovecraft, materializa-se pela primeira vez neste contributo criativo. As ligações que é possível estabelecer entre ambos os escritores permitem imaginar estas *Cartas*, nas quais o autor, Edgar Pêra, faz dialogar Pessoa e Lovecraft, e ainda muitos dos múltiplos autores fictícios que criaram. Pêra pergunta-se: “O que seria do pensamento de Pessoa e Lovecraft se tivessem trocado essa correspondência imaginária?” A resposta encontra-se nas próprias missivas e nas imagens intercaladas.

Keywords

Fernando Pessoa, H. P. Lovecraft, Fiction, Poetry, Cinema, Fantasy.

Abstract

The book-film project *Telepathic Letters*, which stars Fernando Pessoa and Howard Philips Lovecraft, materializes for the first time in this creative contribution. The connections that can be established between both writers allow us to imagine these *Letters*, in which the author, Edgar Pêra, makes Pessoa and Lovecraft dialogue, as well as many of the multiple fictional authors they created. Pêra asks himself: “What would become of Pessoa and Lovecraft’s thoughts if they had exchanged this imaginary correspondence?” The answer is found in the missives themselves and in the interspersed images.

* Filmmaker, artist of words, images and sounds.



The door began to obsess me; I began to fear it and to give it the customary kick as a superstitious slave gives prayer and sacrifice to the god he would disdain and yet whom he fears too much to oppose. I opened the door with a strange sensation in my skin and left the room very rapidly. I was very unwilling to go into the room at night; I kicked the door, went in trembling, came out very rapidly, my eyes half-shut and looking forward, kicked the door again, shut it and ran away to whatever other part of the house I had to go. The horrible might-be, fearful ever in its indefiniteness, fell on me with tooth and claw; this is the common form of deep fear – the fear of things unknown.

Fernando Pessoa, "The Door".

*The oldest and strongest emotion of mankind is fear, and the oldest and strongest kind of fear is **fear of the unknown**. These facts few psychologists will dispute, and their admitted truth must establish for all time the genuineness and dignity of the weirdly horrible tale as a literary form. [...] The appeal of the spectrally macabre is generally narrow because it demands from the reader a certain degree of imagination and a capacity for detachment from everyday life.*

Howard Philips Lovecraft, "Supernatural Horror in Literature".

A montagem de textos que vou apresentar pela primeira vez é um esboço-projecto de livro-filme *Cartas Telepáticas*, uma correspondência imaginária entre Fernando Pessoa e Howard Philips Lovecraft.¹ Tendo em conta que não sou um académico, mas um autor de filmes (que frequentemente se debruça sobre temas literários), queria começar esta introdução com a história pessoal da minha investigação.

¹ Que eu conheça não há nenhum estudo publicado sobre estes dois autores, conheço apenas uma banda desenhada sobre o famoso "suicídio" de Crowley, que, para além de Pessoa e Ophelya inclui na narrativa monstruosas criaturas lovecraftianas: "Dampyr: O Suicídio de Aleister Crowley", de Mauro Boselli e Michele Cropera (edição portuguesa: A Seita, 2019).



As obras de Fernando Pessoa e de Howard Philips Lovecraft acompanham-me desde a adolescência e têm influenciado consideravelmente a minha filmografia. Inspirado na obra poética de Lovecraft, criei o cine-koncerto *Lovecraftland* e realizei filmes 3D como *Cinesapiens* e *Kinorama – Beyond The Walls of The Real*, onde participa um dos maiores entendidos na obra lovecraftiana, S.T. Joshi (a quem quero aqui agradecer, não só pela sua contribuição, como pelo incansável trabalho de edição crítica da obra de Lovecraft). De Pessoa, adaptei, por exemplo, o *Livro do Desassossego* em *Zombietown23*, e no formato estereoscópico *Lisbon Revisited* e *Mar Portuguez*. Terminei recentemente o “cinenigma” heteronímico *Não Sou Nada – The Nothingness Club*, sobre o mundo interior de Fernando Pessoa. Já em *Caminhos Magnétykos*, a minha terceira adaptação de Branquinho da Fonseca, (que por sua vez publicou Pessoa quando foi director da *Presença*), podemos ouvir tanto frases de Pessoa como de Lovecraft.

Em *Caminhos Magnétykos* cruzei os dois universos pela primeira vez, mas já há muito que colecionava *links* entre as suas obras, anotando nas margens dos seus livros (póstumos) essas ligações. Como investiguei aprofundadamente as suas vidas e obras e acumulei essas notas, que para mim eram óbvias, desde há muito que tinha

a certeza de que iria utilizar esse material um dia, num livro e num filme. Mas só em 2020, enquanto esperava pelas rodagens de *Não Sou Nada* (adiadas por causa da pandemia) é que resolvi dedicar-me a tempo inteiro a este projecto.



Quando contactei a Brown University, com o intuito de filmar os manuscritos de Lovecraft, foi através de pessoanos que lá trabalhavam. Essa primeira sincronicidade surpreendeu-me, mas o que me espantou mais foi que só quando recebi o convite do Jerónimo Pizarro (a quem agradeço pela paciência e atenção que deu a este artigo) para contribuir com um artigo para a *Pessoa Plural* é que me apercebi de que a revista era publicada pela Brown, isto é, pela Universidade que desde há anos é a fiel depositária da herança manuscrita de Howard Philips Lovecraft! Faz todo o sentido, portanto, do ponto de vista da sincronicidade cósmica, quer do ponto de vista pessoano quer lovecraftiano, que o projecto *Cartas Telepáticas* tenha uma primeira estreia nesta revista.

Não pretendo de todo afirmar com estas *Cartas* que Pessoa e Lovecraft sejam gémeos separados à nascença, mas acredito que partilham uma série considerável de características, umas semelhantes, outras complementares. São esses pontos (pontes) de contacto que pretendo aprofundar neste projecto, relacionando os textos de ambos através de uma sucessão de “cartas telepáticas”. Vou de seguida elencar alguns desses elos subterrâneos, mantos que pretendo destapar:

Lovecraft, para além de escrever contos fantásticos, também foi poeta, e Pessoa, para além de ser poeta, também escreveu contos fantásticos. Hoje Pessoa, é talvez o mais complexo “artista de palavras” do século XX, e Lovecraft é considerado o “Copérnico da literatura fantástica”. Mas, quando eram vivos, os seus textos surgiram maioritariamente em revistas e ambos tiveram um único livro publicado em (fim de) vida. Por um lado, *Mensagem*, que posteriormente Pessoa confessou não ser a melhor introdução à sua obra, mas que foi o seu livro possível – as circunstâncias (cósmicas)

assim o ditaram –; por outro lado, *The Shadow over Innsmouth*, um livro com uma edição de 400 exemplares. Mas, hoje, as multifacetadas obras de ambos aparecem impressa em inúmeras línguas e publicadas em múltiplas editoras.



A perenidade das suas obras é fruto de diversos factores; um deles parece-me fundamental: tanto Pessoa como Lovecraft escreveram sobretudo para si próprios e consideravam que escrever para agradar às massas era uma forma de prostituição. Pessoa influenciou todas as gerações de poetas portugueses que lhe sucederam, mesmo os que tentaram fugir à sua gigantesca sombra, ou talvez sobretudo esses. Lovecraft ofereceu os direitos do seu panteão de deuses alienígenas, o que levou a que inúmeros escritores de diferentes gerações recorressem ao seu imaginário. Pessoa e Lovecraft dialogaram com o futuro e deixaram uma obra duradoura, que ainda hoje influencia a literatura, o cinema, a pintura, a música, a banda desenhada, e tantas outras áreas.

Do ponto de vista biográfico, Pessoa e Lovecraft tiveram problemas em comum, como por exemplo, a presença da loucura na família, a dependência das tias e a dificuldade em se relacionarem com o sexo feminino. Ambicionavam ter um emprego inócuo, que não os obrigasse a pensar. Pessoa tinha o grupo de *Orpheu*, em Lisboa, Lovecraft o Kalem Club, quando viveu em Nova Iorque. Ambos tiveram um grande amigo literário que se suicidou: Mário de Sá-Carneiro² e Robert E. Howard, criador de Conan, o Bárbaro. Lovecraft evoluiu nos seus pontos de vista (não em

² Curiosamente, não foi Pessoa, mas Sá-Carneiro quem escreveu um conto trans-dimensional com matizes lovecraftianas: “A estranha morte do professor Antena”.

todos); Pessoa, como um dia escreveu, não evoluía, viajava, e nunca se acantonou a nenhuma forma de pensamento.



Em *Kinorama – Beyond The Walls of the Real*, S. T. Joshi afirma que Lovecraft queria ser “uma mente sem corpo, um espectador cósmico” do mundo. A meu ver, os pontos de vista de Pessoa e de Lovecraft coincidem numa visão descentrada, alienígena, da Humanidade. Pessoa (sobretudo no *Livro do Desassossego*, mas não só) observa os seus contemporâneos com uma distância que poderíamos classificar de cósmica. O “Horror cósmico” lovecraftiano reduz o ser humano a uma partícula insignificante do Universo: para Lovecraft, o ser mais inteligente do universo poderá ser um gás. Ambos descrevem os homens como animais sonâmbulos, sem consciência da Consciência.

Pessoa e Lovecraft reflectiram longamente sobre a importância da Arte. Pessoa criou o Sensacionismo, uma corrente estética, com diferentes leituras e interpretações (se assim não fosse, não seria uma estética pessoana, aliás); Lovecraft, seguindo (e ultrapassando) as pegadas de Poe, tornou-se o patrono do *weird realism*. Para Pessoa, as teorias eram meras ferramentas, e nunca se deixou “aldrabar” pelos arautos do

Modernismo e do Futurismo (basta ler a carta, nunca enviada, a Marinetti). Para Lovecraft as histórias fantásticas tinham de assentar em pormenores realistas, de forma a fazer com que os leitores acreditem numa “aldrabice” (*hoax*).



Ambos criaram alter egos desde a infância. Lovecraft escreveu em estilos diferentes, consoante se tratasse de ficção, poesia, correspondência ou ensaios, usando pseudónimos. Pessoa, com a sua “alma não-euclidiana”, aplicou a teoria da relatividade à literatura, criando múltiplas tendências estéticas e políticas, através dos seus heterónimos. Lovecraft aplicou leis da física quântica a alguns dos seus contos. Parece-me também que, quer pseudónimas quer heterónimas, as suas obras assentam num princípio comum: uma imaginação fértil (sonhos em Lovecraft, visões em Pessoa), acompanhada de um grande sentido de *playfulness*. Mas esse sentido de humor é indetectável à primeira vista e é mais patente nas suas cartas.



Apesar de conterem apenas textos de Pessoa e Lovecraft, estas *Cartas Telepáticas* são uma ficção, que põe em diálogo os poemas, contos, ensaios e, sobretudo as cartas destes dois autores. O que seria do pensamento de Pessoa e de Lovecraft se tivessem trocado essa correspondência imaginária? Penso que, tendo em conta que ambos se dispunham ajudar os camaradas escritores, e não se escudavam a dar uma opinião generosa e sincera sobre as suas obras, poderemos então imaginar que Pessoa melhoraria os poemas de Lovecraft, e Lovecraft levaria os contos de Pessoa a um outro nível de narração, já que ambos bebiam de Poe. Pessoa e Lovecraft eram seres humanos muito diferentes, mas extremamente complementares, como todos os amigos deveriam ser. Viveram na mesma época, mas nunca se conheceram, e quase de certeza não conheciam as obras um do outro.

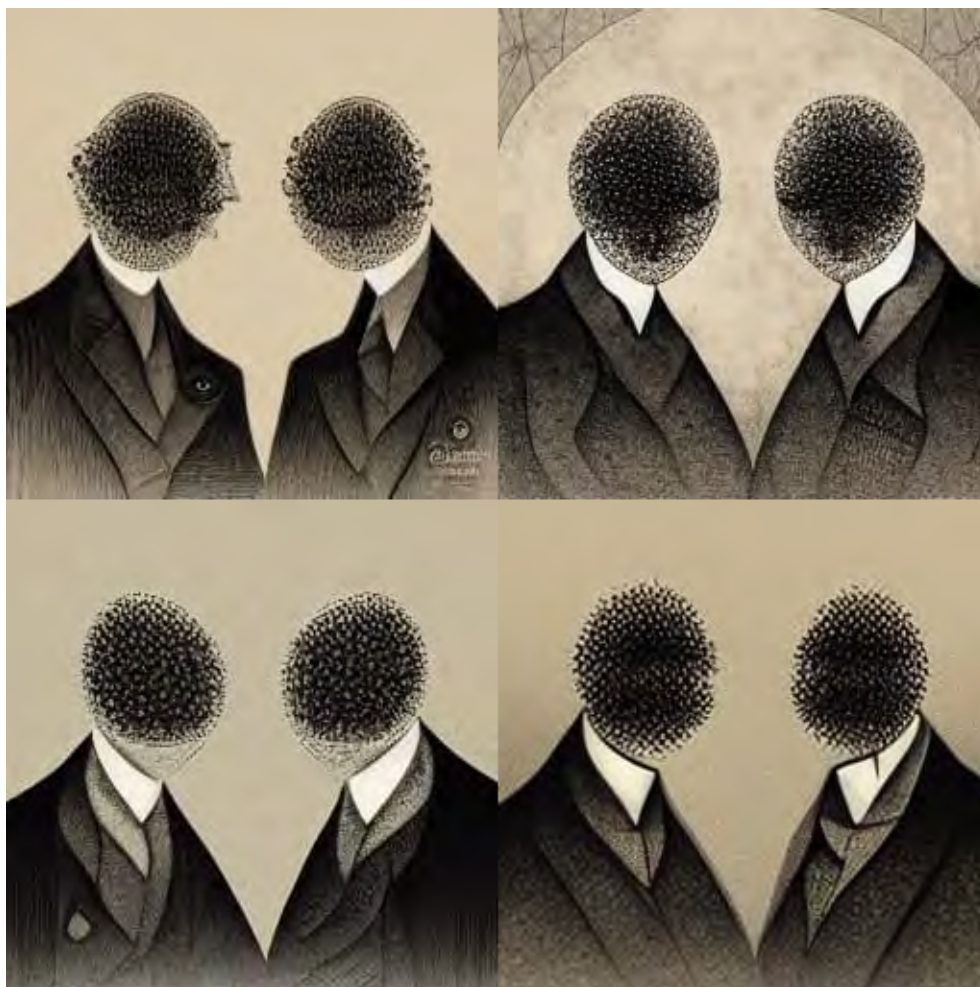
Com *Cartas Telepáticas*, pretendo levar os leitores de Pessoa a conhecerem este seu contemporâneo e vice-versa. Um e outro estiveram afastados por um oceano, mas neste projecto figuram unidos “telepáticamente”. Acredito que é preciso criar pontes entre estas duas extraordinárias mentes do século XX, e com este livro-filme pretende-se fundar os alicerces desta nova ponte.



Mas penso que já existe uma ponte na literatura entre Pessoa e Lovecraft, chamada Jorge Luis Borges, que uniu as duas margens através dos seus contos. Não será por acaso que Borges escreveu o conto “There are More Things” (*El libro de arena*, 1975) “à memória de Lovecraft” e escreveu também uma carta imaginária a Pessoa, publicada em *Fernando Pessoa – Poete Pluriel* (1985), dizendo-lhe “Deixa-nos ser teu amigo”. Todos nós, leitores desta revista, queremos ser amigos de Fernando Pessoa³, e neste caso quis apresentar-lhe/vos outro amigo meu, algo excêntrico e radical (mas boa pessoa): Howard Philips Lovecraft.



³ Tal como a cinefilia não quer dizer amor ao cinema, mas sim amizade ao cinema, a Pessoafilia não é exclusivista: todos, por muito diferentes que sejam, todos podemos ser amigos de Fernando Pessoa, e todos podemos encontrar pontos de contacto com outros escritores. Isto provavelmente porque Pessoa, com todas as facetas, abrange tantos pontos de vista, que é o elemento absorvente ao qual podemos adicionar qualquer escritor: o resultado será sempre o Nada.



FICHA TÉCNICA

Filme-Livro

CARTAS TELEPÁTICAS

Concepção montagem e imagens: Edgar Pêra

Assistência: Ana Soares e João Mora

Produção: Rodrigo Areias / Bando À Parte

Apoio: Instituto do Cinema e Audiovisual

Cartas Telepáticas

Exmo Sr. Howard Philips Lovecraft:

Por este correio enviamos a V. Ex.^a o primeiro número da nossa revista *Orpheu*. Como depreenderá de uma, ainda que rápida, leitura, esta revista representa a conjugação dos esforços da nova geração portuguesa para a formação de uma corrente literária definida, contendo e *transcendendo* as correntes que têm prevalecido nos grandes meios cultos da Europa. Tomamos a liberdade de chamar para isto a sua atenção, e de lhe pedir que examine de perto a atitude essencial da nossa arte literária; estamos certos que nela terá a surpresa de encontrar qualquer coisa que não lhe terá deparado no seu percurso através das literaturas conhecidas. Como temos a consciência absoluta da nossa originalidade e da nossa elevação, não temos escrúpulo algum em dizer isto.

Creia V. Ex.^a no respeito e na admiração de
Fernando Pessoa

Rua S. Bento, 98, 2.º,
Lisbon, Portugal.



Dear Fernando Pessoa:

No excuses needed for leaving off such frills as "Mr." I don't give a hang for ceremonial niceties of any sort.

Your letter of the 24th proved highly interesting, & I was very glad to learn more about yourself & your activities. I have examined your stories with the keenest interest, & congratulate you upon some very vivid & effective writing.

Yrs most cordially & sincerely,

Howard Philips Lovecraft

66, College Street,
Providence, U.S.A.



Meu caro Howard Philips Lovecraft:

A sua carta, ainda que breve, me causou uma grande alegria.

Submeto o poema incluso à sua apreciação. Nele tentei atingir o ridículo pela união do sério e do grotesco. Esforcei-me, além disso, por ligar o ridículo da expressão assim produzida ao sublime movimento do verso elegíaco. O senhor julgará até que ponto o consegui.

Estou consciente de que o meu manuscrito deveria ter sido escrito à máquina, mas os meios de que disponho não o permitem.

Assinei o meu manuscrito com o pseudónimo; mas quando um estrangeiro escreve qualquer coisa — especialmente um poema — é melhor não lhe atribuir directamente uma autoria.

Subscrevo-me, Exmo. Senhor, com a maior consideração,

Fernando Pessoa



Dear Pessoa,

With your intense sensitiveness. I would be tempted to say that you are natural — born author if there ever was one! Anybody who responds to life as you do — finding everything around you a basis of expanding circles of associative reflection and emotion which apparently clamour for expression — is by that very circumstance essentially of the stuff of authors. Indeed, I'd call that responsiveness the real test of a genuine artist as opposed to a mere fluent technician. Of all the writers with whom I've been in contact, I don't know of one who really has more to say, or who says anything with a more convincing gusto, than yourself.

Best of luck to you in your writing!

With every good wish —

Yrs most cordially and sincerely,

HPL



Caro HPL,

Agradeço-lhe muito o seu telegrama, posto que sinto que v. se tivesse dado ao incomódo e à despesa de o fazer. Isso mostra o seu interesse pela nossa revista, mas era realmente desnecessário que v. se tivesse incomodado assim. Chegando os seus poemas na mala de de aqui a dias, chegam bem a tempo. Oxalá v. tenha mandado bastantes coisas, para podermos ver bem quais devem representar melhor para o público a feição do seu Espírito.

Nada tenho escrito que valha a pena mandar-lhe. Ricardo Reis e Álvaro futurista – silenciosos. Caeiro perpetrador de algumas linhas que encontrarão talvez asilo num livro futuro. Mas essas linhas são esboços de poesias, não poesias propriamente falando. O que principalmente tenho feito é sociologia e desassossego. V. percebe que a última palavra diz respeito ao “livro” do mesmo; de facto tenho elaborado várias páginas daquela produção doentia. A obra vai pois complexamente e tortuosamente avançando.

Com a maior consideração nos subscrevemos,

Fernando Pessoa



Dear Fernando Pessoa:

Well—I hope the enclosed tales will not disappoint you. There’s no need of bothering about the postage— & no need of haste in returning, so long as they do get back sooner or later. I fear they’re too long to make copying easy. As I said, I haven’t the energy to make the copies which I need myself, to replace those which are wearing out.



The more I consider weird fiction, the more I am convinced that a solidly realistic framework is needed in order to build up a preparation for the unreal element. The one supreme defect of cheap weird fiction is an absurd taking-for-granted of fantastic prodigies, and a sketchy delineation of such things before any background of convincingness is laid down.

The author must forget all about “short story technique”, and build up a stark, simple account, full of homely corroborative details, just as if he were actually trying to “put across” a deception in real life—a deception clever enough to make adults believe it. My own attitude in writing is always that of the **hoax-weaver**. One part of my mind tries to concoct something realistic and coherent enough to fool the rest of my mind and make me swallow the marvel as the late Camille Flammarion used to swallow the ghost and revenant yarns unloaded on him by fakers and neurotics.

For the time being I try to forget formal literature, and simply devise a **lie** as carefully as a crooked witness prepares a line of testimony with cross examining lawyers in his mind. I take the place of the lawyers now and then—finding motivations with a greater care for probability. Not that I succeed especially well, but that I think I have the basic method calculated to give maximum results if expertly used. This ideal became a conscious one with me about the “Cthulhu” period, and is perhaps best exemplified in “The Colour Out of Space”.

As for literary values in general, I am not disposed to make any generalisations therefrom. The basic essence of art is too subtle and elusive to be defined hastily, and I have a strong objective conviction that realism can be very great art. Not that the mere photographic reproduction of unselected detail is real art.

On the other hand, such a thing is *pure science*—psychology or anthropology. But I think that there is a profound aesthetic value in realism so developed as to give the reader a sense of the underlying rhythms of things—a realism which hints at

longer streams of essence and vaster marches of pageantry than the span and substance of the outward events, and in which detail serves either to indicate basic trends or to enhance the convincing life-likeness of the foreground.

No avenue can lead us away from the immediate to the remote or the shadowy or the universal unless it really does begin at the immediate—and not at any **false, cheap, or conventional conception of the immediate.**

Now I am not saying that all **realists** succeed in leading away from the immediate toward anything else. There are futile exponents of every school of art. Nor do I claim to enjoy personally such master-realists as concern themselves wholly with the human scene and personality. Candidly, such masters (Dreiser, Maupassant, Anderson, etc.) bore me acutely after brief doses—but at this point I pause to question my own authority to form snap judgments.

Upon impersonal analysis, I come to conclude that this realism is actually sound and sometimes great art; and that my lack of fondness for it is due to a blind spot in my own makeup—like that which makes me a poor judge of music.

The one form of literary appeal which I consider *absolutely unsound, charlatanic, and valueless*—frivolous, insincere, irrelevant, and meaningless—is that mode of handling human events and values and motivations known as romanticism. Dumas, Scott, Stevenson—my gawd! Here is sheer puerility—the concoction of false glammers and enthusiasms and events out of an addled and distorted background which has no relation to anything in the genuine thoughts, feelings, and experiences of evolved and adult mankind. Its very essence is that one unforgivable disparity which forms the supreme crux of all cheapness and commonness—the investing of things and events with wholly disproportioned and inappropriate emotions.



Heroic tales are not unsound so long as they adhere to the actual essentials of life and the human spirit; but when some sentimental poseur adopts their tone for artificial and trivial unrealities, the result is too nauseating and wearisome for words.

The true function of phantasy is to give the imagination a ground for limitless expansion, and to satisfy aesthetically the sincere and burning curiosity and sense of awe which a sensitive minority of mankind feel towards the alluring and provocative abysses of unplumbed space and unguessed entity which press in upon the known world from unknown infinities and in unknown relationships of time, space, matter, force, dimensionality, and consciousness. This curiosity and sense of awe, I believe, are quite basic amongst the sensitive minority in question; and I see no reason to think that they will decline in the future—for as you point out, the frontier of the unknown can never do more than scratch the surface of eternally unknowable infinity. But the truly sensitive will never be more than a minority, because most persons—even those of the keenest possible intellect and aesthetic ability—simply have not the psychological equipment or adjustment to feel that way. I have taken some pains to sound various persons as to their capacity to feel profoundly regarding the cosmos and the disturbing and fascinating quality of the extra-terrestrial and perpetually unknown; and my results reveal a surprisingly small quota. In literature we can easily see the cosmic quality in Poe, Maturin, Dunsany, de la Mare, and Blackwood, but I profoundly suspect the cosmicism of Bierce, James, and even Machen. It is not every macabre writer who feels poignantly and almost intolerably the pressure of cryptic and unbounded outer space.

Some former art attitudes—like sentimental romance, loud heroics, ethical didacticism, etc.—are so patently hollow as to be visibly absurd and non-usable from the start. Others, like those dependent on moods and feelings (pity, tragedy, personal affection, group loyalty etc.) which are still empirical conduct-factors though intellectually undermined, have an excellent chance of survival. Fantastic literature cannot be treated as a single unit, because it is a composite resting on widely divergent bases.

All good wishes—
Yr most ob^t h^{ble} serv^t

HPL



Meu caro HPL,

Tudo o que publiquei n' *A Águia* foi um erro, não creio que um tal início fosse o início certo. Por isso, se desejo publicar as minhas obras, receio porém outro erro: publicar o livro errado, assentar o edifício sobre trémulos alicerces.



Você vê bem que existe aqui um grande orgulho, e o orgulho paralisa todo o gesto. Para construir erro sobre o erro da vida, não vale a pena publicar páginas, coisas com defeito. As obras devem, antes, corrigir o erro de ser. Tudo é inútil, senão o definitivo.

Mas este ruído que faço para distrair o meu espírito, esta facilidade de argumentar como quem crê no que diz próprio, até a ânsia da grandeza que atinge quanto faço – e me obriga, mesmo nesta carta, a absurdamente fazer estilo – são apenas a confissão de que eu desejo, e não alcanço, compor essas obras.

Disponha do seu am.º m.º grato

Pessoa



Dear Pessoa,

I was greatly interested in your letter of the 1st, which I found awaiting me upon my return from a week in Boston & vicinity. The high opinion you express regarding my efforts is surely encouraging in the extreme, & makes me anxious to get the time to produce something new. "The Dweller" is one of a long series of weird metrical attempts in something like the sonnet form—& since you express a wish to see more, I am enclosing a ms. which contains some thirty-three.

Speaking of the "Carter" story, I have lately another odd dream: especially singular because in it **I possessed another personality—a personality**—just as definite and vivid as the Lovecraft personality which characterizes my waking hours.

This is the end—although I did not awake here. At this point the dream changed to one of drifting down a stagnant river betwixt high basalt cliffs, and wondering why I drifted; since the water had no motion, and there was no breath of wind in the awful SILENCE. This pair of dreams occurred in the middle of an afternoon when I paused in my work from nervous exhaustion and rested my head on my arm on the table before me. I am coming to a stage where I doze off like this very frequently—it helps me keep up and accomplish more than usual.



As mere yarns, these jumbled fantasies would be hardly worth notice; but being bona fide dreams, they are rather picturesque. It gives one a sense of weird, fantastic, and unearthly *experience* to have *seen* these strange sights apparently with the visual eye. I have dreamed like this ever since I was old enough to remember dreams, and probably shall till I descend to Avernus. My dreams are just as vivid as in youth, but no more so. Among my best remembered visions are those of the awful cliffs, peaks, and abysses—hideous bleak rock and loathsome blackness—over which I was borne in the clutch of black winged daemons to which I gave the original name of "night-gaunts", at the age of six! Verily, I have travelled to strange places

which are not upon the earth or any known planet. I have been a **rider of comets, and a brother to the nebulae.**

Yrs. for the Dark Lore & Elder Sign

E'ch-Pi-El



Prezado E'ch-Pi-El

Com a minha vida, indisciplinadora de almas, no escritório, acrescida da minha vida jornalística de agora (sou redactor duma nova folha que aqui há, *O Jornal* – caí nesta vala temporariamente), mal tenho tempo para as minhas simples coisas da vida intelectual, de modo que por pouco me não escapou o dia de lhe escrever. Lembrou-me hoje de repente, e felizmente lembrou-me a tempo, visto que são 19. E não tenho tempo para tratar de reunir alguns, pelo menos, dos artigos que se têm escrito sobre o *Orpheu*; tenho pena de que o não possa fazer, porque v. havia de rir imenso com eles. Para a outra mala — definitivamente lho prometo — não me esquecerei. Tantos e tais foram os artigos, que em três semanas o *Orpheu* se esgotou — **totalmente, completamente se esgotou.**

Deixe a dúvida para os dias da vida, e a incerteza; mas ao escrever seja para si próprio o deus que não há, na insolência de criar o universo.

Camarada dedicado e comovido admirado,

Pessoa





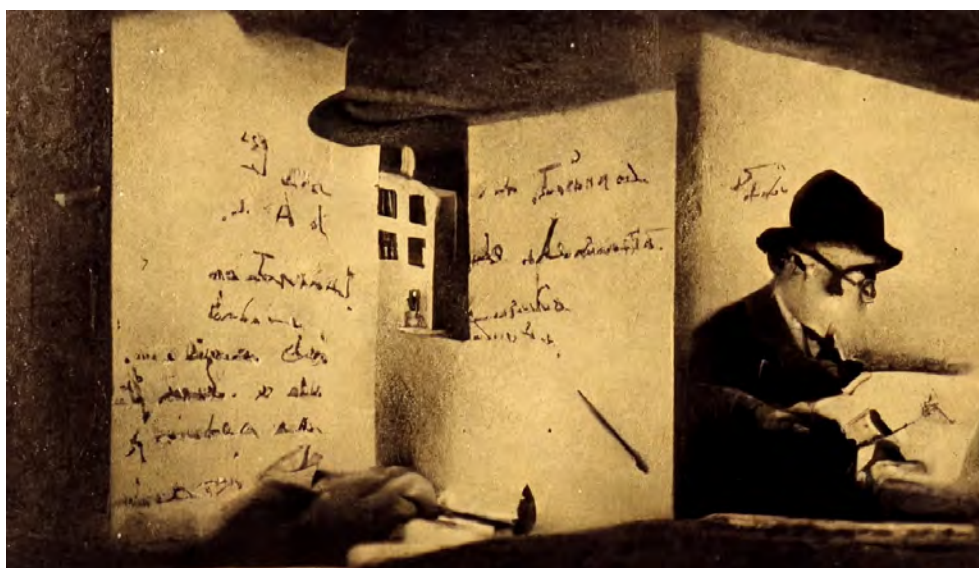
Dear Pessoa,

I have never understood what is meant by “spare time” or “time to kill”. For my part, the great tragedy of existence is that I haven't a fraction of the time or brains necessary to answer the questions about the past, the universe, and the laws of nature which provoke my curiosity. If I have any time, I'm sure the one sensible use to put it to is in reading or reflection on some congenial theme, or in writing out some thought or image I may happen to have on my chest.

Weather here has been delectably warm, but colder conditions are now threatened.

Best wishes—Yrs most sincerely

H P L



Caro HPL,

Para bem raciocinar, nós partimos dum facto que a nossa análise mostrou ser absolutamente incontestável, e tiramos dele todas as conclusões que se podem dele tirar. À medida que se vão tirando essas conclusões, elas vão pouco a pouco trazendo a lume outros factos, ou esclarecendo pontos obscuros ainda; e, assim, já com novos factos em seu poder, o raciocinador vai gradualmente alargando a base das suas operações, e pouco a pouco se aproxima da solução do problema.

Muito atentamente,

Dr. Abílio Quaresma



Dear Dr. Quaresma,

In my own case, physical matters seem relatively (but not absolutely) uninteresting and unimportant because it is my instinctive and unalterable habit to take the **cosmos as a primary unit of perception, calculation, and evaluation**. The cosmos is **everything**—the individual **nothing**. All that—in my instinctive feelings—forms any rational measure of the individual is his degree of ability (infinitesimally fragmentary in even the greatest of philosophers and scientists) to comprehend the knowable fraction of the cosmos and correlate himself with it. That is what being a human being is—to possess consciousness and comprehension. As Descartes put it, “Cogito, ergo sum”. In a primary sense—other things being equal—one man can be greater than another only through having a greater comprehension of the universal flux of worlds and aeons, and a greater recognition of his place in it. We live, in a human sense, only so far as we understand. **Consciousness** is life—uncomprehending physical functioning is a mere vegetative or quasi-inorganic existence shared with

bacteria and does nothing to determine or promote our status as human beings—i. e., as conscious graspers of some fragment of universal reality.

I recognise a distinction between **dream life and real life**, between appearances and actualities. I confess to an over-powering desire to know whether I am asleep or awake—whether the environment and laws which affect me are external and permanent, or the transitory products of my own brain.

I admit that I am very much interested in the relation I bear to the things about me—the time relation, the space relation, and the causative relation. I desire to know approximately what my life is in terms of history-human—terrestrial, solar, and cosmical; what my magnitude may be in terms of extension—terrestrial, solar, and cosmical; and above all, what may be my manner of linkage to the general system—in what way, through what agency, and to what extent, the obvious **guiding forces of creation** act upon me and govern my existence.

Entity precedes morality. It is a prerequisite. What am I? What is the nature of the energy about me, and how does it affect me?

So far I have seen nothing which could possibly give me the notion that cosmic force is the manifestation of a mind and will like my own infinitely magnified; a potent and purposeful consciousness which deals individually and directly with the miserable denizens of a wretched little flyspeck on the back door of a microscopic universe, and which singles this putrid excrescence out as the one spot whereto to send an only-begotten Son, whose mission is to redeem those accursed **flyspeck-inhabiting lice which we call human beings**-bah!! Pardon the “bah!” I feel several “bah!”, but out of courtesy I only say one. But it is all very childish. I cannot help taking exception to a philosophy which would force this rubbish down my throat. ‘What have I against religion? ‘That is what I have against it! (Do not mistake me—I have a great deal for it as well. I do *not* ‘deny it a place in the life of the world’. I am coming to this about twenty or thirty pages farther on!!)



Now let us view morality—which despite your preconceived classification and identification has nothing to do with any particular form of religion. **Morality is the adjustment of matter to its environment**—the natural arrangement of molecules. More especially it may be considered as dealing with organic molecules. Conventionally it is the science of reconciling the animal *homo* (more or less) *sapiens* to the forces and conditions with which he is surrounded. It is linked with religion only so far as the natural elements it deals with are deified and personified. Morality antedated the Christian religion, and has many times risen superior to co-existent religions. It has powerful support from very non-religious human impulses.



Personally, I am intensely moral and intensely irreligious. My morality can be traced to two distinct sources, **scientific and aesthetic**. My love of truth is outraged by the flagrant disturbance of sociological relations involved in so-called “**wrong**”; whilst my aesthetic sense is outraged and disgusted with the **violations of taste and harmony** thereupon attendant. But to me the question presents no ground for connection with the grovelling instinct of religion.

All good wishes, & hopes for a fruitful year.

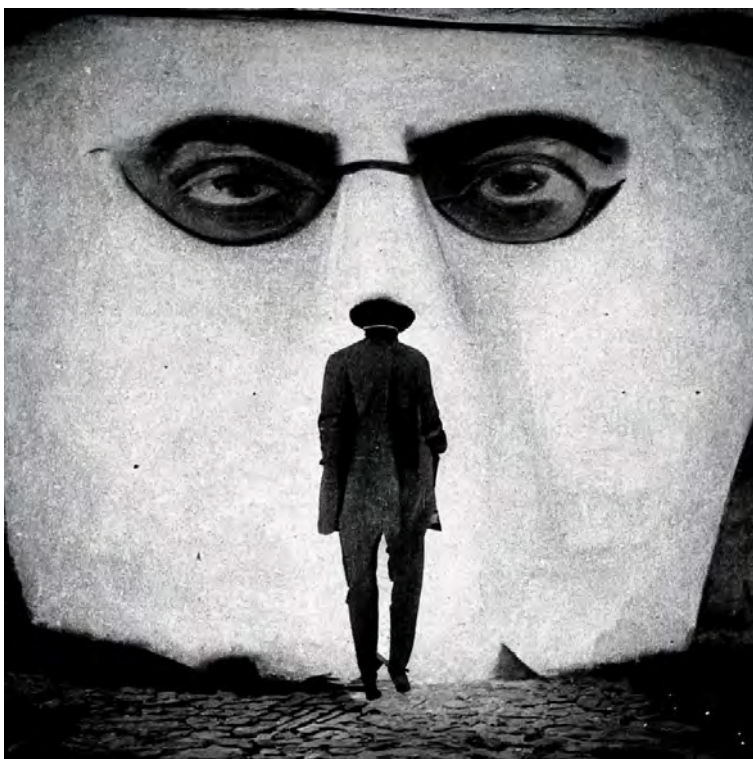
Yrs. by the Weedy Monolith,

Grandpa Cthulhu



Meu querido Grandpa Cthulhu:

Razão de sobra tem v. para se queixar do meu silêncio. Mas tem caído sobre mim tudo quanto furta tempo rói paciência e põe alma em desvairo. Não tenho outra razão senão para lhe pedir desculpa.



O sonho, quando demasiado vivido, ou familiar, torna-se uma nova realidade; tiraniza como ela; deixa de ser refúgio. Os exércitos sonhados acabam por ser derrotados, como os que baqueiam e se desmoronam nos encontros e batalhas do mundo.

Viver a vida em sonho e falso é sempre viver a vida. Abdicar é agir. Sonhar é confessar a necessidade de viver, substituindo a vida real pela vida irreal, e assim é uma compensação da inabilidade do querer viver.

Pulverização da personalidade: não sei quais são as minhas ideias, nem os meus sentimentos nem o meu carácter... Se sinto uma coisa, enquanto a sinto na pessoa visualizada de uma qualquer criatura que aparece em mim. Substituí os meus sonhos a mim-próprio. Cada pessoa é apenas o seu sonho de si-próprio. Eu nem isso sou.

O homem de ciência reconhece que a única realidade para si é ele próprio, e o único mundo real o mundo como a sua sensação lho dá. Por isso, em lugar de seguir o falso caminho de procurar ajustar as suas sensações às dos outros, fazendo ciência objectiva, procura, antes, conhecer perfeitamente o seu mundo, e a sua personalidade. Nada mais objectivo do que os seus sonhos.

O mundo é um sonho, mas não o é por excesso, porém por deficiência.

O mundo é irreal, porque, realmente, vemos só parte do que verdadeiramente é o mundo.

Não creio que o mundo seja, na realidade, diverso do que nós vemos; a minha tese não é idealista. É *completista*, não sei de outro nome que aptamente lhe dê. O que vemos – creio – é real; o que vemos porém é apenas parte – **conquanto parte real** – do real, do todo.

Há várias maneiras de sonhar. Uma é abandonar-se aos sonhos, sem procurar torná-los nítidos, deixar-se ir no vago e no crepúsculo das suas sensações. É inferior e cansa, porque esse modo de sonhar é monótono, sempre o mesmo. Há o sonho nítido e *dirigido*, mas aí o esforço em dirigir o sonho trai o artifício demasiadamente. O artista supremo, o sonhador como eu o sou, tem só o esforço de querer que o sonho seja *tal* que tome tais caprichos – e ele desenrola-se diante dele assim como ele o desejaria, mas não poderia conceber, sem justificação de fazê-lo. Quero sonhar-me rei... Num acto brusco, quero-o. E eis-me súbito rei dum país qualquer. Qual, de que espécie, o sonho mo dirá... Porque eu cheguei a esta vitória sobre o que sonhar – que os meus sonhos trazem-me sempre inesperadamente o que eu quero. Muitas vezes aperfeiçoo, ao trazê-la nítida, a vida cuja vaga ordem apenas recebera. Eu sou totalmente incapaz de idear conscientemente as Idades Médias de diversas épocas e de diversas Terras que tenho vivido em sonhos. Deslumbra-me o excesso de imaginação que desconhecia em mim e vou vendo. Deixo os sonhos só... Tenho-os tão puros que eles excedem sempre o que eu espero deles. São sempre mais belos do que eu quero. Mas isto só o sonhador aperfeiçoado pode esperar obter. Tenho levado anos a buscar sonhadoramente isto. Hoje consigo-o sem esforço...

Seu muito dedicado e grato,

Fernando Pessoa



Dear Pessoa:

Well—the three MSS. duly arrived, & I have read them with the keenest pleasure & appreciation.

There's no getting around this. If we can study the relation of a race of ants to a coral atoll or a volcanic islet which has risen and will sink again—and nobody

dares deny that we can—then it will be equally *possible* for us, if we have suitable instruments and methods, to study the relation of man and the earth to the solar system and the nearer stars.

The result will, when obtained, be just as conclusive as that of a study in terrestrial zoology, or geology. The radius is too small to give relativity or mysticism a chance. **The universe may be a dream, but it cannot be considered a human dream** if we can shew that it must antedate and outlast all human dreamers just as surely as an ocean must antedate and outlast the denizens of one of his alternately rising and submerging volcanic islands.

The laws that work on earth work in the nearer sky; and if we can trace man's beginning and finish, we can say absolutely (a) that what corresponds to our universe is *not humanly subjective* in essence, (although our sensory picture of it is wholly so) and (b) that man and organic life, or at least man and organic life on this globe (or any like it, if we find the law of temporary worlds common to the visible universe), cannot be a central concern of infinity.

The point is, that we *know* organic life to be a rare, short, and negligible phenomenon. *Know*, it beyond the reach of any trick metaphysics. If the cosmos be a momentary illusion, *then mankind is a still briefer one!*

Yrs most sincerely,

H.P.L.



Meu caro poeta:

Muitas vezes, creio firmemente, levo horas intelectuais a intrujar-me a mim próprio. Daí a necessidade em que estou de me acautelar sempre com o que digo.

Repare v. em que, se há parte da minha obra que tenha um “cunho de sinceridade”, essa parte é... a obra de Caeiro.

Sonhar um sonho é perder outro... Vivo sempre no presente. O futuro, não o conheço. O sonhador não é superior ao homem activo porque o sonho seja superior à realidade. A superioridade do sonhador consiste em que sonhar é muito mais prático que viver, e em que o sonhador extrai da vida um prazer muito mais vasto e muito mais variado do que o homem de acção.

O sonhador é que é que é o homem de acção.

Cada sonho meu é imediatamente, encarnado por uma outra pessoa, que passa a sonhá-lo, e eu não. Todo o prazer é do cérebro; todos os crimes, já se disse, “é nos nossos sonhos que se cometem”. Procurei sempre ser espectador da vida, sem me misturar nela. Assim, a isto que se passa comigo, eu assisto como um estranho.

Eu nunca fiz senão sonhar. Tem sido esse, e esse apenas, o sentido da minha vida. Nunca tive outra preocupação verdadeira senão a minha vida interior. As maiores dores da minha vida esbatem-se-me quando, abrindo a janela para dentro de mim, pude esquecer-me na visão do seu movimento. Nunca pretendi ser senão um sonhador. A quem me falou de viver nunca prestei atenção.

Abraça-o afectuosamente o camarada admirador e grato,

F. Pessoa



Dear Pessoa:

“**Nyarlahotep**” is a nightmare—an actual phantasm of my own, with the first paragraph written before I fully awaked.

Amidst this gloom came the nightmare of nightmares—the most realistic and horrible I have experienced since the age of ten—whose stark hideousness and ghastly oppressiveness I could but feebly mirror in my written phantasy.

The first phase was a general sense of undefined apprehension—vague terror which appeared universal. I seemed to be seated in my chair clad in my old grey dressing-gown, reading a letter from Samuel Loveman. The letter was unbelievably realistic—thin, 8 ½ X 13 paper, violet ink signature, and all—and its contents seemed portentous. The dream-Loveman wrote:

“Don’t fail to see Nyarlathotep if he comes to Providence. He is horrible—horrible beyond anything you can imagine—but wonderful. He haunts one for hours afterward. I am still shuddering at what he showed.” I had never heard the name NYARLATHOTEP before, but seemed to understand the allusion. Nyarlathotep was a kind of itinerant showman or lecturer who held forth in publick halls and aroused widespread fear and discussion with his exhibitions. These exhibitions consisted of two parts first, a horrible—possibly prophetic—**cinema reel**; and later some extraordinary experiments with scientific and **electrical apparatus**.



As I received the letter, I seemed to recall that Nyarlathotep was already in **Providence**; and that he was the cause of the shocking fear which brooded over all the people. I seemed to remember that persons had whispered to me in awe of his horrors, and warned me not to go near him. But Loveman’s dream letter decided me, and I began to dress for a trip down town to see Nyarlathotep. The details are quite vivid—I had trouble tying my cravat—but the indescribable terror overshadowed all else. As I left the house I saw throngs of men plodding through the night, all whispering affrightedly and bound in one direction. I fell in with them, afraid yet eager to see and hear the great, the obscure, the unutterable Nyarlathotep. After that the dream followed the course of the enclosed story almost exactly, save that it did

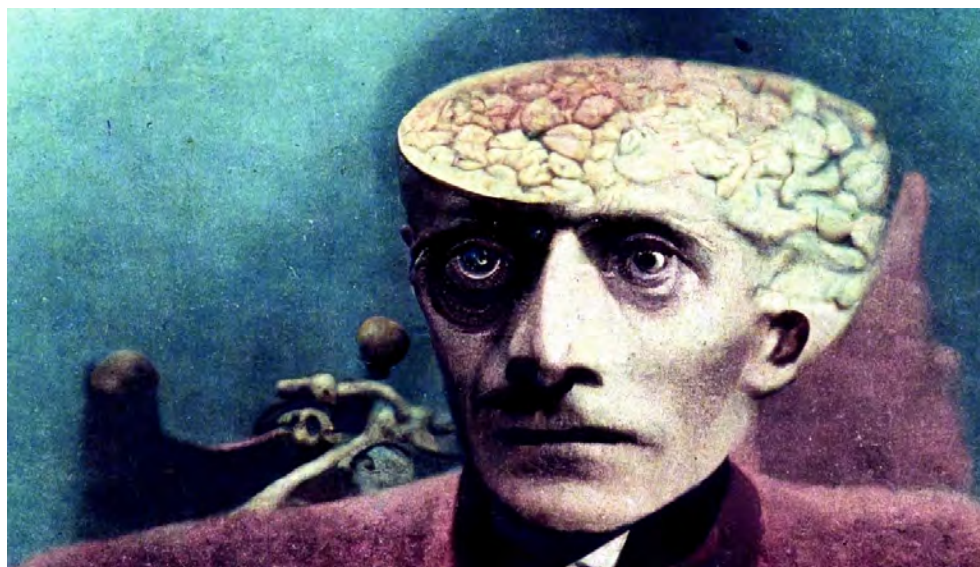
not go quite so far. It ended a moment after I was drawn into the black yawning abyss between the snows, and whirled tempestuously about in a vortex with shadows that once were men! I added the macabre conclusion for the sake of climactic effect and literary finish.

As I was drawn into the abyss I emitted a resounding shriek (I thought it must have been audible, but my aunt says it was not) and the picture ceased. I was in great pain—forehead pounding and ears ringing—but I had only one automatic impulse: to *write*, and preserve the atmosphere of unparalleled fright; and before I knew it, I had pulled on the light and was scribbling desperately. Of what I was writing I had very little idea, and after a time I desisted and bathed my head. When fully awake I remembered all the incidents but had lost the exquisite thrill of fear—the actual sensation of the presence of the hideous unknown. Looking at what I had written I was astonished by its coherence. It comprises the first paragraph of the enclosed manuscript, only three words having been changed. I wish I could have continued in the same subconscious state, for although I went on immediately, the primal thrill was lost, and the terror had become a matter of conscious artistic creation. Still, the tale ought to hold a shiver or two for sensitive readers, and Loveman (the real waking Loveman!) was effusively laudatory when he beheld it. Altogether, that nightmare was *some* dream, believe me!

Yrs by the Eye of Ghatanothoa,

Luveh-Keraph





Irmão em Além!

Deu-me um prazer a sua carta de 25, que há dias recebi. Tinha muita pena, é certo, que v. não me tivesse escrito ainda, mas, como eu também lhe não tinha escrito, não me cabia o direito objectivo de ter essa pena. O pior para mim é que eu, por certo, sinto mais a falta de correspondência que v. Estou, quanto a companhia espiritual e imediata, quase só, se não só em absoluto... Não sou das pessoas menos acompanháveis por si próprias, mas ainda assim — e de vez em quando aborreço-me de não andar senão comigo.

O **abstracto** foi sempre para mim mais impressionante que o concreto. Recordo-me de que, em criança, não tinha medo de ninguém, nem de bichos; mas tinha, sim, medo de quartos escuros... Recordo-me de que essa singularidade aparente desorientava a psicologia simples de que me rodeava.

Repudiei o sonho como um vício de colegial ou de louco. Mas repudiei também a realidade ou, antes, me repudiou ela, não sei porquê — por incompetência, ou por desalento, ou por incompreensão. Não servi para nenhum dos dois modos de gozar -nem para o prazer do real, nem para o prazer do suposto.

Milhares de abraços do seu,

Barão de Teive



Dear Barão de Teive:

I never ask a man what his business is, for it never interests me. What I ask him about are his **thoughts and dreams**.

In my dreams I found a little of the beauty I had vainly sought in life, and wandered through old gardens and enchanted woods.



Calm, lasting beauty comes only in dream, and this solace the world had thrown away when in its worship of the real it threw away the secrets of childhood and innocence.

Yrs for th Black Pilgrimage—

Luveh-Keraph



Meu caro Luveh-Keraph:

Além de ter demorado um pouco o responder-lhe por não sei que razão propriamente definível, demorou-me um pouco mais, ao pensar em escrever-lhe enfim, o não saber bem o que lhe hei-de dizer, que V. já não saiba, da alta opinião que tenho do seu génio.

Escreva-me quando puder; e creia que ninguém mais sinceramente e confiadamente o felicita e o abraça do que o seu muito amigo e fervoroso admirador.

Disponha sempre do seu dedicadíssimo,
Fernando Pessoa



Dear Pessoa:

I have two distinguished guests today—each a fair-sized handful. Little tiger kittens—eyes open, but still shaky in navigation & not playful yet. They belong in the boarding-house whose rear abuts on our back garden, & I fancy I shall borrow one or both of them quite frequently during the various stages of their sportive youth. Probably I mentioned that I am almost fanatically fond of cats.

Tardy spring has come to the north at last, and there are flowers and feathery-leaved trees on every hand. One or two days have been warm enough to let me take my work out to the woods and fields.

Form of *non-supernatural cosmic art*, is to pacify this sense of revolt—as well as gratify the cognate sense of curiosity? “Dunt esk”, as they say in your decadent cosmopolis! No, young Belloc, you can’t rule out a phase of human feeling and expression which springs from instincts wholly basic and physical.

Cosmic phantasy of *some sort* is as assured of possible permanence (its status subject to caprices of fashion) as is the literature of struggle and eroticism. But of course, as I have said before, its later and less irresponsible forms will doubtless differ vastly from most of the weird literature we have had so far.

Like the lighter forms of dream-phantasy and Yog-Sothothery, it will require a delicate and precise technique; so that a crude old-timer like myself **would never be likely to excel in it**. Nevertheless, if I live much longer, I may try my hand at

something of the sort—for it is really closer to my serious psychology, than anything else on or off the earth. In “The Colour Out of Space” I began to get near it—though “Dunwich” and the “Whisperer” represent a relapse. In using up the ideas in my common place book, I shall doubtless perpetrate a great deal more childish hokum, (gratifying to me only through personal association with the past) yet the time may come when I shall at least try something approximately serious.

The time has come when the normal revolt against time, space, and matter must assume a form not overtly incompatible with its knowledge of reality when it must be gratified by images forming *supplements* rather than *contradictions* of the visible measurable universe.

Naturally one would rather be a broad artist with power to evoke beauty from every phase of experience—but when one unmistakably *isn't* such an artist, there's no sense in bluffing and faking and pretending that one *is*.

It being settled that I'm a little man instead of a big man, I'd a damn sight prefer to let it go frankly at that—and try to be a **good little man** in my narrow, limited, miniature fashion—than to cover up and pretend to be a **bigger** man than I am.

Such a pretence can lead only to futile overreaching, pompous vacuity, and an ultimate loss of whatever little good I might have accomplished had I stuck to the one small province which was really mine.

I am naturally a narrow specialist of very limited vision and power, and the only way I can ever create anything even half good is to stick to the area within which I have an actually genuine motivation—namely, the area of the cosmic and the weird. If I ever outgrow this area, it must be by very slow and gradual degrees; and only in the direction, and to the extent, that nature dictates.

With best wishes for your ventures—

Yrs by the Sign of Gnar—

Abdul Alhazred



Meu caro Abdul Alhazred:

Muito e muito obrigado pela sua gentilíssima carta.

A maior parte da literatura moderna é conversa escrita, contos à lareira em voz alta, o aflato errado, às vezes a triste Carta à Posteridade que nunca chegará ao destinatário. Desperdiçamos a escrever o tempo que deveríamos ganhar conversando ou, talvez, não o desperdicemos, mas não tenhamos ninguém com quem falar vocalmente, ou gostemos de um auditório demasiado amplo para o alcance da nossa laringe e a paciência do ouvinte mais afastado. Daí os nossos romances brilhantes e frívolos, as nossas sátiras e ensaios inteligentes e nulos, os nossos poemas de mesa de jantar: coisas muitas vezes engraçadas, frequentemente superiores, que sempre valem a pena fazer, desde que não lhes chamemos arte. Mas é verdade que, se não pensássemos que são arte, não as faríamos, por pequenas que sejam.

Disponha sempre do seu dedicadíssimo,
Fernando Pessoa



Dear Fernando Pessoa:

The hope of an adequate reward — a reward which seems adequate as measured by then-ruling desire — is a stimulus of supreme potency. But set that same intellect to a calculative task *not* connected with the fulfilment of the dominant urge — a task such as the laborious arrangement of expression to suit an artificial end *not connected* with the intrinsic perfection of the expression itself — and all emotional stimulus is lacking.

The negative stimulus afforded by the fear of starving is not at all like the positive stimulus afforded by the desire of expression, dream-capture, or imaginative expansion. It produces — or tends to produce — a sort of paralysing desperation

hostile to clear thinking rather than the expansive glow which strengthens, quickens, and fertilises thought.

Then, when the writer (no longer an artist) has ceased to have anything to say, there is no longer any emotional obstacle to the commercial juggling of rubber-stamp situations in accordance with the low-grade market's whims.

True, he is not likely to produce any more art. That side of his life has been killed off. But if it was not his dominant and pivotal side, the loss is no greater than other curtailments of personality common in a barbarism where the profit-motive is forced on large numbers of cultivated persons.

When, however, the capture of dreams and the utterance of dimly adumbrated conception *is* the primary and crucial element in a man's life—as it indubitably is in a substantial number of cases—then the attempt to suit artificial and contemptible tradesman's whims is foredoomed to failure except among the super-energised.

Vast and insuperable emotional dykes are subconsciously reared against the diversion of intellection to base and ulterior objects, so that the listless and reluctant struggle toward industrialism can hardly be more than a dull tragedy consuming all and yielding nothing.



It may kill the artist, but it will never make a business-man of the corpse. Nothing which enough substance and skill to suit even the mind-struck three-penny cynics of the pulp. Compromise is impossible when the artist has not enough excess energy to make the irrelevant intellectual manipulations other than a prostrating and usually self-defeating drain. If I reserve a certain quantity of mental energy from my personal and creative life to devote to the shelter-and-nourishment-acquiring process, I want that energy to go as far as possible and to be wasted as little as possible... and experiment seems to show that it would go farther and bring better returns in some simple, honest, and non-charlatanic occupation like drug-clerking

or **bookkeeping** or bricklaying—an occupation of straightforward, need filling sort without the servile taint of pandering and wheedling—than in any field which involved the element of mockery, of degrading parody, or of the diversion of exhausting intellection to an ulterior, irrelevant, and aesthetically wasteful aim.

That is why I'd give a good deal for a real job, if I only knew how to go about looking for such a thing. My great mistake was in my younger days, when I thought that actual literary effort would surely manage to earn me a living somehow, some day. Had I known then what I know now, I would have hastened to fit myself for some steady routine work—of a sort mentally unexacting enough to leave my creative imagination free—as soon as my health became tolerable, and the ultimate exhaustion of drastically diminished resources apparent. But alas, these sensible perspectives generally come too late!

Later I'll send some reading suggestions, which I hope may prove acceptable.

With best wishes for your poems, & for all your other ventures—

Yrs by the Sign of Gnar—

Abdul Alhazred



Meu caro amigo Abdul Alhazred:

Tenho estado doente, com gripe, estes últimos dias; tencionava escrever-lhe e não me foi possível. Não sei mesmo se, especificando, lhe não falei numa carta de género psicológico, a meu próprio respeito. Em todo o caso, é disso que se trata.

Eu ando há muito—desde que lhe prometi esta carta—com vontade de lhe falar intimamente e fraternalmente do meu “caso”, da natureza da crise psíquica que há tempos venho atravessando. Apesar da minha reserva, eu sinto a necessidade de falar nisto a alguém, e não pode ser a outro senão a você—isto porque só você, de

entre todos quantos eu conheço, possui de mim uma noção precisamente no nível da minha realidade espiritual. Dá-se esta sua capacidade para me compreender porque você é, como eu, fundamentalmente um espírito religioso; e, dos que de perto literariamente me cercam, você sabe bem que (por superiores que sejam como artistas) como almas, propriamente, não contam, não tendo nenhum deles a consciência (que em mim é quotidiana) da terrível importância da Vida, essa consciência que nos impossibilita de fazer arte meramente pela arte, e sem a consciência de um dever a cumprir para com nós-próprios e para com a humanidade.

Nesta explicação aparentemente preliminar vai já exposta uma grande parte do problema. Não sei como lho hei-de expor ordenadamente; de modo perfeitamente lúcido. Mas, como isto é uma carta, eu irei expondo conforme possa; e você ordenará, em seu espírito, depois, os dispersos e alterados elementos.

A minha crise é do género das grandes crises psíquicas, que são sempre crises de incompatibilidade, quando não com os outros, por certo com nós-próprios.

A minha, agora, não é de incompatibilidade comigo próprio; a minha, gradualmente adquirida, auto disciplina, tem conseguido unificar dentro de mim quantos divergentes elementos do meu carácter eram susceptíveis de harmonização. Ainda tenho muito a empreender dentro do meu espírito; disto ainda muito de uma unificação como eu a quero. Mas, como disse, não é dessa **banda que sopra** o vento do meu desconsolo actual.

Temos pois que vivo há meses numa continua sensação de **incompatibilidade profunda** com as criaturas que me cercam – mesmo com as próximas, amigos, literários é claro, porque os outros não são indivíduos com quem eu tenha que poder ter intimidade espiritual e por isso — como, em matéria de relações sociais, me dou bem com toda a gente, dou-me bem com eles.



Em ninguém que me cerca eu encontro uma atitude para com a vida que bata certo com a minha íntima sensibilidade, com as minhas aspirações e ambições, com tudo quanto constitui o fundamental e o essencial do meu íntimo ser espiritual.

Encontro, sim, quem esteja de acordo com actividades literárias que são apenas dos arredores da minha sinceridade. E isso não me basta. Ter uma acção sobre a humanidade, contribuir com todo o poder do meu esforço para a civilização vêm-se-me tornando os graves e pesados fins da minha vida. E, assim, fazer arte parece-me cada vez mais importante coisa, mais terrível missão — dever a cumprir arduamente, monasticamente, sem desviar os olhos do fim criador-de-civilização de toda a obra artística. E por isso o meu próprio conceito puramente estético da arte subiu e dificultou-se; exijo agora de mim muita mais perfeição e elaboração cuidada. Fazer arte rapidamente, ainda que bem, parece-me pouco. Devo à missão que me sinto uma perfeição absoluta no realizado, uma seriedade integral no escrito.

Passou de mim a ambição grosseira de brilhar por brilhar, e essa outra, grosseiríssima, e de um plebeísmo artístico insuportável, de querer épatar.

Tenho-lhe explicado tudo isto muito mal. Quase que me tenta a ideia de rasgar esta carta onde, até, pouca justiça fiz a mim próprio. Mas você deve compreender o que eu sinto, e, creio, regozijar comigo, através da sua amizade, por esta minha evolução ascendente dentro de mim.

Regresso a mim. Alguns anos andei viajando a colher maneiras-de-sentir. Agora, tendo visto tudo e sentido tudo, tenho o dever de me fechar em casa no meu espírito e trabalhar, quanto possa e em tudo quanto possa, para o progresso da civilização e o alargamento da consciência da humanidade. Oxalá me não desvie disto o meu perigoso feitio demasiado multilateral, adaptável a tudo, sempre alheio a si próprio e sem nexos dentro de si.

Abraça-o,

Fernando Pessoa



Dear Pessoa:

Sorry your health has been giving you so much trouble, and hope you can somehow manage to get more exercise and outdoor air despite commercial exigencies. Can't you do more of your writing in the open, as I do? I've probable mentioned before that no fine summer afternoon ever finds me under roof. Current work and reading all go into a black leatherette bag, and accompany me to whatever neighboring woodland retreat I choose. Likewise, when I am way—I always choose some picturesque park or other outdoor spot to do my reading and writing in. Here in New Orleans, as I mentioned before, my headquarters is ancient Jackson Square - where I am at the present moment. But as for health—I'm only just on my feet again myself. I was slowly recovering from my April cold when I hit New York, but there the unheated condition of Long's apartment house gave me a hell of a relapse. I used 33 handkerchiefs in the course of only a few days, and could not smell or taste a thing from May 3 until 3 days ago! All my southward trip—enjoyable as it was—was made under the most distressing nasal and bronchial conditions, with a steady headache accompaniment! But the warmth of New Orleans is baking the venom out of me, and I feel better each day.

Tales of ordinary characters would appeal to a larger class, but I have no wish to make such an appeal. The opinions of the masses are of no interest to me, for praise can truly gratify only when it comes from a mind sharing the author's perspective. There are probably seven persons, in all, who really like my work; and they are enough. I should write even if I were the only patient reader, for my aim is merely self-expression. I could not write about "ordinary people" because I am not in the least interested in them. Without interest there can be no art.

Man's relations to man do not captivate my fancy. It is man's relation to the cosmos—to the unknown—which alone arouses in me the spark of creative imagination. The humanocentric pose is impossible to me, for I cannot acquire the primitive myopia which magnifies the earth and ignores the background. Pleasure to me is wonder—the unexplored, the unexpected, the thing that is hidden and the changeless thing that lurks behind superficial mutability. To trace the remote in the immediate; the eternal in the ephemeral; the past in the present; the infinite in the finite; these are to me the springs of delight and beauty. Like the late Mr. Wilde, "I live in terror of not being misunderstood."

Best wishes,

Yours sincerely,

H P L





Caro Howard:

Toda a publicação é criar uma mercadoria. Sabe você por que os actores, terminando o acto, se inclinam perante o público? Para expor a nuca ao cutelo da crítica.

E se eu um dia sonho revistas e antologias, se prevejo a edição das minhas obras, por orgulho, por esse mandamento que me faz querer “mexer na vida” – outra expressão sua –, logo no dia seguinte, ou na mesma hora, outro em mim diz a inutilidade de tudo.

Um erro nunca se corrige, e tudo quanto se publica é erro confiado aos outros.

A voltagem de *Orpheu* deve aumentar sempre. Por isso, cada número será mais difícil. E eu receio amargamente o dia em que *Orpheu* se compreenda...

Neste escritório deserto de onde lhe escrevo, a náusea cai sobre a vida como as letras das máquinas de escrever no anónimo papel dos impressos.

Repudiei sempre que me compreendessem. Ser compreendido é prostituir-se. Prefiro ser tomado a sério como o que não sou ignorado humanamente, com decência e naturalidade.

Nada poderia indignar tanto como se no escritório me estranhassem. Quero gozar comigo a ironia de me não estranharem. Quero o cilício de me julgarem igual a eles. Quero a crucificação de me não distinguirem. Há martírios mais subtis que aqueles que se registam dos santos e dos eremitas. Há suplícios da inteligência como os há do corpo e do desejo. E desses, como dos outros, suplícios há uma volúpia.

Camarada dedicado e comovido admirado,

Bernardo





Dear Bernardo:

Popular authors do not and apparently cannot appreciate the fact that true art is obtainable only by rejecting normality and conventionality in toto, and approaching a theme purged utterly of any usual or preconceived point of view.

Whoever wrote a story from the point of view that man is a blemish on the cosmos, who ought to be eradicated?

As an example—a young man I know lately told me that he means to write a story about a scientist who wishes to dominate the earth.

There is nothing outré about wanting to conquer the earth; Alexander, Napoleon, and Wilhelm II wanted to do that. Instead, I told my friend, he should conceive a man with a morbid, frantic, shuddering hatred of the life-principle itself, who wishes to extirpate from the planet every trace of biological organism, animal and vegetable alike, including himself. That would be tolerably original. But after all, **originality lies within the author**. One can't write a weird story of real power without perfect psychological detachment from the human scene, and a magic prism of imagination which suffuses theme and style alike with that grotesquerie and disquieting distortion characteristic of morbid vision. **Only a cynic can create horror**—for behind every masterpiece of the sort must reside a **driving daemonic force that despises the human race and its illusions**, and longs to pull them to pieces and mock them.

The genuine writer must forget editors and possible audiences, resign himself to very infrequent sales, and labour only to express himself and satisfy his inward standards of fiction. Commercialism and decent literature have no meeting-point except by accident.

Well—again congrats & good wishes

Yrs for the Black Goat—

Lhuv-Kerapht



Meu caro Lhuv-Kerapht:

Mas sofro as dúvidas. O diálogo que as obras criam entre si não denunciará a origem comum? Publicar não me trará a perda do ineditismo, a facilidade plebeia do reconhecimento público, a condenação a não mais poder retirar o que escrevi, a despertencer-me? E se eu mesmo sou quem menos existe quando escrevo, quem seria esse Fernando Pessoa que assina os livros?

Talvez haja outro fim, oculto, nas nossas obras, que nada deva à beleza.

A esta hora do dia burguês e democrático brilhando sobre a Rua Augusta, a minha obra sabe-se a eu ter errado tudo. Sobre as praças conquistadas do orgulho, a nuvem da dúvida desce, ocultando as estrelas aos olhos cansados de esperar.

Por ora, digo-lhe apenas que o Álvaro de Campos anda preparando um novo filme, com toda a electricidade colérica do seu espírito. E envia-lhe um abraço maquínico e moderno.

Creia sempre seu m^{to} am^o e grato,

Pessoa



Dear Pessoa and Campos:

Personality, we know, is a mode of motion in the neural tissue of highly evolved vertebrate animals.

Organic life, of which **consciousness** is an incidental process, and which rises and falls through varying depress of complexity, (mankind being at present its most intricate example within our scope of vision) is a phenomenon of apparent rarity,

though of so well-defined a type that it would be rash to deem it confined to this solar system alone in all the history of the cosmos.

In several trillion years it will be a matter of absolute indifference whether or not this phenomenon has ever existed on the planets in this part of space.



Proof—and even probability—is likewise required to justify the assumption that organic life, either as a whole or in that department known as consciousness, has any special or significant relationship to the pattern and motions of the cosmos as a whole; even allowing for a radical and causation – disturbing interpretation of the quantum theory (even proof of a cosmic “purpose” and “consciousness” would indicate nothing as to man’s place therein. **All life might well be a trifling pimple or disease**).

Well—now to get packed. Hope you enjoyed the circus. Tomorrow at this hour I’ll be in Charleston!

Yrs be the Pentacle of Noth—

Luveh-Keraph



Caro Luveh-Keraph,

Perdoe-me que lhe escreva assim... A Vida, afinal, vale a pena que se lhe diga isto. Deus escuta-me talvez, mas de si ouve, como todos que escutam. A tragédia foi esta, mas não houve dramaturgo que a escrevesse...

Para que lhe estou eu dizendo isto?

A literatura, que é a arte casada com o pensamento, e a realização sem a mácula da realidade, parece-me ser o fim para que deveria tender todo o esforço

humano, se fosse verdadeiramente humano, e não uma superfluidade do animal. Creio que dizer uma coisa é conservar-lhe a virtude e tirar-lhe o terror.

O meu estado de espírito obriga-me agora a trabalhar bastante, sem querer, no *Livro do Desassossego*. Mas tudo fragmentos, fragmentos, fragmentos.

Receba um grande e fraterno abraço do seu

Bernardo Soares



Dear Soares,

As usual, I do most of my writing in the **open air** despite the advent of occasional cool days which drive me in early. This afternoon I've pulled one of my typically

damn fool stunts—forgotten my writing pad! Hence this lousy ruled paper, picked up at the only available source of supplies within miles... a rustic roadside stand.

As to my new stuff—uniform bad luck. Wright turned down the Antarctic tale, and Putnams rejected the bunch of original MSS. they asked for in the first place.

And so it goes. Wish I could piece out my trip and get into the Lone Star State, but financial limitations are adamant.

Best wishes, and hope the summer will bring you perfect health.

Yrs for the Litany of the Worm—

Luveh-Keraph



Caro Luveh-Keraph,

Estou num daqueles dias em que nunca tive futuro. Há só um presente imóvel com um muro de angústia em torno. A margem de lá do rio nunca, enquanto é a de lá, é a de cá; e é esta a razão íntima de todo o meu sofrimento. Há barcos para muitos portos, mas nenhum para a vida não doer, nem há desembarque onde se esqueça. Tudo isto aconteceu há muito tempo, mas a minha mágoa é mais antiga.

Que a sua obra o salve. Escreva.

Na claridade da antemanhã, creio na minha obra, no meu génio. Ao crepúsculo, penso que nunca terminarei os meus poemas, que alcançarei apenas informes fragmentos. De noite, ainda, julgo que a fama é uma tentação triste, com que me console do que não posso.

Mas sei também que, na manhã seguinte, a mesma ânsia de escrever me erguerá para um novo dia.

Tantos projectos e sonhos, tantas teorias sobre os assuntos, tantas vezes a vontade inconfessável de dominar o mistério das coisas. Mas de que serve mentir-me?

Nada sei.
 Um grande e amigo abraço do sempre seu,
 F. Pessoa



Dear Fernando:

The actual cosmos of pattern'd energy, including what we know as matter, is of a contour and nature absolutely impossible of realisation by the human brain; and the more we learn of it the more we perceive this circumstance.

Moreover, we know that a cosmos which is eternal (and any other kind would be a paradoxical impossibility) can have no such thing as a permanent direction or goal; since such would imply a beginning and ending, thus postulating a larger creating and managing cosmos outside this one-and so on ad infinitum like a nest of Chinese boxes.

This point remains the same whether we consider eternity as a measure of regular pattern-movements (time) or as a fourth dimension. The latter merely makes all these intimations of a cosmos which our senses and calculations present to us. We must admit at the outset that the spectacle gives us no indications of a central consciousness or purpose, and suggests no reason why a cosmos should possess such; that it renders the notion of special human standards and destinies absurd; and that it makes the idea of a permanent direction or goal improbable to the point of impossibility.

So far as analogy, and probability go, there is strong presumptive evidence on the negative side—evidence based on the observation of small material systems like the electrons of an atom or the planets circling the sun. This evidence tells us that all small units of mass-energy are (that is, all humanly visible and conceivable

presentations of such units are) rotating systems organised in a certain way and preserving a balance and dovetailing of functions, absolute regularity and the exclusion of chance, (and hence of volition or conscious action) and the infinite uniformity of this system of interlocking rotations and forms of regularity, seem to confront us wherever we delve beneath the surface; so that these circumstances actually form the sum total of all our knowledge of the composition and administration of infinity. To say that such an array of evidence suggests a central will, a one-way direction, and a special concern for any one of the infinitesimal temporary force-combinations which form incidents of the eternal cycles within cycles of constant rearrangement, is to utter simple and unadulterated damn foolishness.

However—the crucial thing is my, lack of interest in ordinary life.

Just why this is so I haven't the slightest idea—it simply *is* so.

I am interested only in broad pageants—historic streams—orders of biological, chemical, physical, and astronomical organisation—and the only conflict which has any deep emotional significance to me is that of the *principle of freedom or irregularity or adventurous opportunity against the eternal and maddening rigidity of cosmic law...* especially the laws of time. Individuals and their fortunes within natural law move me very little. They are all momentary trifles bound from a common nothingness toward another common **nothingness**.



Only the cosmic framework itself—or such individuals as symbolise principles (or defiances of principles) of the cosmic framework—can gain a deep grip on my imagination and set it to cosmic framework—can gain a deep grip on my imagination and set it to work creating. In other words, the only “heroes” I can write about are *phenomena*.

The cosmos is such a closely-locked round of fatality—with everything prearranged—that nothing impresses me as *really dramatic* except some sudden and abnormal *violation of that relentless inevitability*... something which cannot exist, but which can be imagined as existing.

Hence the type of thing I try to write. Naturally, I am aware that this forms a very limited special field so far as mankind en masse is concerned; but I believe (as pointed out in that *Recluse* article) that the field is an authentic one despite its subordinate nature.

I must return your esoteric lexicon—for the loan of which many thanks - before my already hopeless programme gets altogether shot to hell. Down with grippe in January, so that work piled up on me beyond the possibility of performance, & now my aunt is down with a far worse attack—& with complications & hospital possibilities extending indefinitely ahead. For a month I have had to be primarily a combined nurse, secretary, butler, market-man, & errand-boy—& my own activities have simply slid to oblivion.

Did I mention that Conover is going to continue the reprinting of my *Supernatural Horror in Literature*?

Yrs by the Aura of Nyarlathotep—

Abdul Alhazred



Meu querido Abdul Alhazred:

Só hoje me foi entregue o seu postal do dia 7. Como o Universo, mudo constantemente, e sucede que a correspondência, muitas vezes, só depois de cinco ou seis dias seguindo a minha pista domiciliária, logra encontrar-me enfim. Com o seu postal aconteceu isto.

O que sentimos é somente o que sentimos. O que pensamos é somente o que pensamos. Porém o que, sentido ou pensado, novamente pensamos como *outrem* — é isso que se transmuta naturalmente em arte, e, esfriando atinge forma.

Não confie no que sente ou pensa, senão quando houver deixado de o sentir ou pensar. Assim utilizará, em proveito seu e de todos, a sua sensibilidade, naturalmente predisposta para esse aproveitamento.

O mundo é de quem não sente... Queria viver longe das emoções e dos pensamentos, só no pensamento das emoções e na emoção dos pensamentos...

Escreva-me sempre,

Fernando Pessoa



Dear Pessoa:

Your intensely interesting letter duly arrived, and I have digested it with the usual pleasure and appreciation.

My intention was to become a professor of astronomy. By my thirteenth birthday I was thoroughly impressed with man's impermanence and insignificance, and by my seventeenth, about which time I did some particularly detailed writing on the subject, I had formed in all essential particulars my present pessimistic cosmic views. The futility of all existence began to impress and oppress me; and my references to human progress, formerly hopeful, began to decline in enthusiasm. Always partial to antiquity, I allowed myself to originate a sort of one-man cult of retrospective suspiration.

It is an unfortunate fact that the bulk of humanity is too limited in its mental vision to weigh with patience and intelligence those isolated phenomena, seen and felt only by a psychologically sensitive few, which lie outside its common experience.

Men of broader intellect know that there is no sharp distinction betwixt the real and the unreal; that all things appear as they do only by virtue of the delicate individual physical and mental media through which we are made conscious of them.

Zoilus



Dear Zoilus,

There is nothing, no reality, but sensation. Ideas are sensations, but of things not placed in space and sometimes not even in time.

Logic, the place of ideas, is another kind of space.

Dreams are sensations with only two dimensions. Ideas are sensations with only one dimension. **A line is an idea.**

Sensationism pretends, taking stock of this real reality, to realise in art a decomposition of reality into its psychic geometrical elements.

The end of art is simply to increase human self-consciousness.

The more we decompose and analyse into their psychic elements our sensations, the more we increase our self-consciousness. Art has, then, the duty of becoming increasingly conscious. In the classic age, art developed consciousness on

the level of the three-dimension sensation—that is, art applied itself to a perfect and clear visioning of reality considered as solid. Hence the Greek mental attitude, which seems so strange to us, of introducing concepts such as that of the sphere into the most abstract abstractions, as in the case of Parmenides, whose idealistic conception of a highly-abstract universe yet admits of a description of it as spherical.

Post-Christian art has worked constantly towards the creating of a two-dimension art.

We must create a one-dimension art.

Your faithfully,

F. Pessoa



Dear Pessoa,

Your observations on the unreliability of the human senses confirm a principle long pointed out by historians and folklorists. As a matter of fact, it is only with great difficulty and through a large amount of comparison and coordination that we are able to get any sort of a dependable picture of the external world which stretches around us. The moment we rely on one-man evidence—however bona fide—we are lost.

What do we know of the world and the universe about us? Our means of receiving impressions are absurdly few, and our notions of surrounding objects infinitely narrow. We see things only as we are constructed to see them, and can gain no idea of their absolute nature. With five feeble senses we pretend to comprehend the boundlessly complex cosmos, yet other beings with wider, stronger, or different range of senses might not only see very differently the things we see, but might see and study whole worlds of matter, energy, and life which lie close at hand yet can

never be detected with the senses we have. I have always believed that such strange, inaccessible worlds exist at our very elbows...

Yrs by the Spotted Tentacles of Yith—

Luveh-Keraph



Caro Luveh-Keraph,

Do exterior tira o spirito a idéa de Realidade; do Interior tira a Idéa de Causa. Mas não o obtem por uma meditação directa do próprio spirito. A realidade, para o spirito, é o Exterior; mas esta realidade divide-se para elle em dois phenomenos separados, cuja distinção elle spontaneamente regista.

Um d'esses phenomenos é a Realidade pura e simples, a existencia de um Exterior Puro, cousa sem relação com a vontade do observador. (Realidade implica Exterioridade, despego do observador.) O outro phenomeno é a existencia de um Exterior que se altera. Este segundo phenomeno, porém, explica-se naturalmente. O spirito reparando em que elle-proprio, agindo, pode transformar o Exterior, primeiro

movendo os membros e o corpo; depois mudando cousas, metaphysica instinctiva – a ideia de Causa, sendo a Causa concebida como pessoal. (Porque o spirito naturalmente concebe a Realidade como exterior, e a si-proprio só se concebe como real não em-si, mas no que tem de exterior, isto é, as suas relações com o exterior. Ora essas relações só são deveras sensíveis á observação natural quando são activas e não passivas, quando são causaes.

Aguardo com interesse a sua opinião,
Ricardo Reis



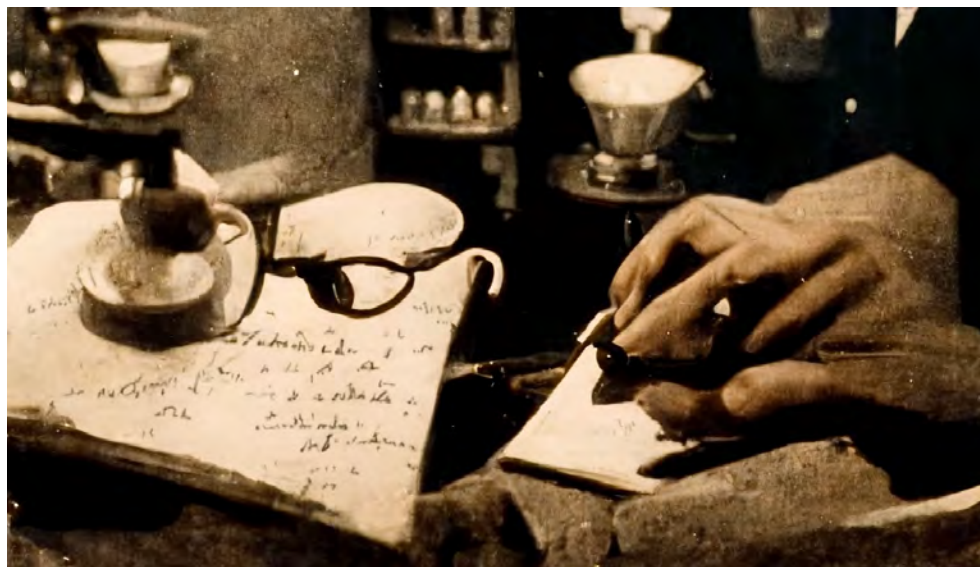
Dear Reis,

Yes—on paper it is easy to say that “possessions are a burden”, and that it is wisest to have nothing, but merely to live in a valise or trunk... and so on... fine theory indeed! But in actual fact it all depends on the person. Each individual’s reason for living is different... i.e., to each individual there is some one thing or group of things which form the focus of all his interests and nucleus of all his emotions; and without which the mere process of survival not only means nothing whatsoever, but is often an intolerable load and anguish.

Therefore no one need expect me to discard the ponderous furniture and paintings and clocks and books which help to keep 454 always in my dreams. When they go, I shall go, for they are all that make it possible for me to open my eyes in the morning or look forward to another day of consciousness without screaming in sheer desperation and pounding the walls and floor in a frenzied clamour to be waked up out of the nightmare of “reality” and my own room in Providence. Yes—such sensitivenesses of temperament are very inconvenient when one has **no money**—but it’s easier to criticise than to cure them.

Trying to exist in N.Y. drove me close to madness.
Yr most ob^t Grandsire

E'ch-Pi-El



Caro E'ch-Pi-El,

Como não quero que diga que eu não lhe escrevi, por efectivamente não ter escrito, estou escrevendo. Não será uma linha, como prometi, mas não serão muitas. Estou doente, principalmente por causa da série de preocupações e arrelias que tive ontem.

Cheguei à idade em que se tem o pleno domínio das próprias qualidades, e a inteligência atingiu a força e a destreza que pode ter. É pois a ocasião de realizar a minha obra literária, completando umas coisas, agrupando outras, escrevendo outras que estão por escrever. Para realizar essa obra, preciso de sossego e um certo isolamento. Não posso, infelizmente, abandonar os escritórios onde trabalho (não posso, é claro, porque não tenho rendimentos), mas posso, reservando para o serviço desses escritórios dois dias da semana (quartas e sábados), ter de meus e para mim os cinco dias restantes.

Toda a minha vida futura depende de eu poder ou não fazer isto, e em breve. De resto, a minha vida gira em torno da minha obra literária — boa ou má, que seja, ou possa ser. Tudo o mais na vida tem para mim um interesse secundário: há coisas, naturalmente, que estimaria ter, outras que tanto faz que venham ou não venham. É preciso que todos, que lidam comigo, se convençam de que sou assim, e que exigir-me os sentimentos, aliás muito dignos, de um homem vulgar e banal, é como exigir-me que tenha olhos azuis e cabelo louro.

Resta saber se o casamento, o lar (ou o que quer que lhe queiram chamar) são coisas que se coadunem com a minha vida de pensamento. Duvido. Por agora, e em breve, quero organizar essa vida de pensamento e de trabalho meu. Se a não conseguir organizar, claro está que nunca sequer pensarei em pensar em casar. Se a organizar em termos de ver que o casamento seria um estorvo, claro que não casarei. Mas é provável que assim não seja. O futuro — e é um futuro próximo — o dirá.

Ora aí tem, e, por acaso é a verdade.

O Destino é uma espécie de pessoa, e deixa de nos ralar se mostrarmos que nos não importamos com o que ele nos faz.

Com a maior consideração,

Fernando Pessoa



Dear Pessoa:

You will probably excuse my delayed reply to yours of March 12 when you learn the reason therefor. When I last wrote I was just pulling out a gripe attack & facing a formidably congested programme. Well—scarcely was I on my feet when my aunt came down with an infinitely severer version of the same malady—tying me up at once as a sort of combined nurse, butler, market-man, secretary, & errand-boy. All my own affairs are in utter chaos. Letters since February unanswered, amateur duties transferred to good old Kleiner, revision jobs returned unperformed, borrowed books piled up unread, & everything generally gone to seed. Nor am I in any shape for coping with the mess—my energies being at a low ebb, my eyesight giving me trouble, & a devil of a cold now having me in its grip. However, I don't forget that the whole siege has been a darned sight worse for my aunt than it has for me!

I hope that your recent state is merely one of transition from the idealism of youth to the realism of middle, when the thinker realises that there is no such thing as ideal happiness and justice, and ceases strive after illusions so empty and unreal. Solid bourgeois contentment—with the settled conviction that wild pleasures are too rare, elusive, and transitory to be worth seeking—is the best state of mind to be in.

One should come to realise that all life is merely a comedy of vain desire, wherein those who strive are the clowns, and those who calmly and dispassionately watch are the fortunate ones who can laugh at the antics of the strivers.

The utter emptiness of all the recognised goals of human endeavour is to the detached spectator deliciously apparent—the tomb yawns and grins so ironically! Whatever bliss we can gain, is from watching the farce, removing ourselves from the strife by not expecting more than we receive, and revelling in that world of the unreal which our imagination creates for us. To enjoy tranquillity, and to promote tranquillity in others, is the most enduring of delights. Such was the doctrine of Epicurus, the leading ethical philosopher of the world.

If one's interest in life wanes, let him turn to the succour of others in a like plight, and some grounds for interest will be observed to return. About the time I joined the United I was none too fond of existence. I was 23 years of age, and realised that my infirmities would withhold me from success in the world at large. Feeling like a cipher I felt that I might well be erased. But later I realised that even success is empty. Failure though I be, I shall reach a level with the greatest—and the smallest—in the damp earth or on the final pyre. And I saw that in the interim trivialities are not to be despised. Success is a relative thing—and the victory of a boy at marbles is equal to the victory of an Octavius at Actium when measured by the scale of cosmic infinity.

Benedictions—Yours by the Ghooric Key

Abdul Alhazred



Meu caro Abdul,

Muito obrigado pela sua carta e pelas suas (escusadas) explicações. Eu não precisava de tanto. Bastava-me menos, porque felizmente vi que posso contar (e espero sempre poder contar) com a sua amizade, que altamente prezo, e sei que uma resposta negativa da sua parte representaria um caso de impossibilidade. O que lhe agradeço muito é o que o carácter íntimo das suas explicações (aliás, como já disse, escusadas) prova sobre a sua amizade.

Entristeceu-me muito o que me diz do seu actual estado de espírito. Mostra-o bem o soneto — deveras belo — que me mandou e que muito agradeço.



Por mim, o meu estado de espírito é mau. Dezembro foi uma noite de tempestade para mim. Nem cabeça tenho tido para escrever a alguém, mesmo à minha família. Quebro esse encantamento de depressão para lhe escrever hoje, e isto para que não faltasse em responder à sua carta.

Espero adquirir durante este mês aquela suficiente dose de serenidade que me permita escrever-lhe o milhão de coisas que tenho para lhe expor e contar. Espero poder mandar-lhe os poucos versos que tenho feito. Que, apesar de tudo, e através de tudo, trabalho sempre, produzo sempre. Mesmo nos pântanos do meu espírito há lótus que florescem.

Sim, para a minha carta próxima devo ter apanhado do chão dos meus propósitos a energia suficiente para lhe contar coisas e para lhe copiar versos.

Por ora, só isto e os meus agradecimentos.

Sempre seu

Fernando Pessoa

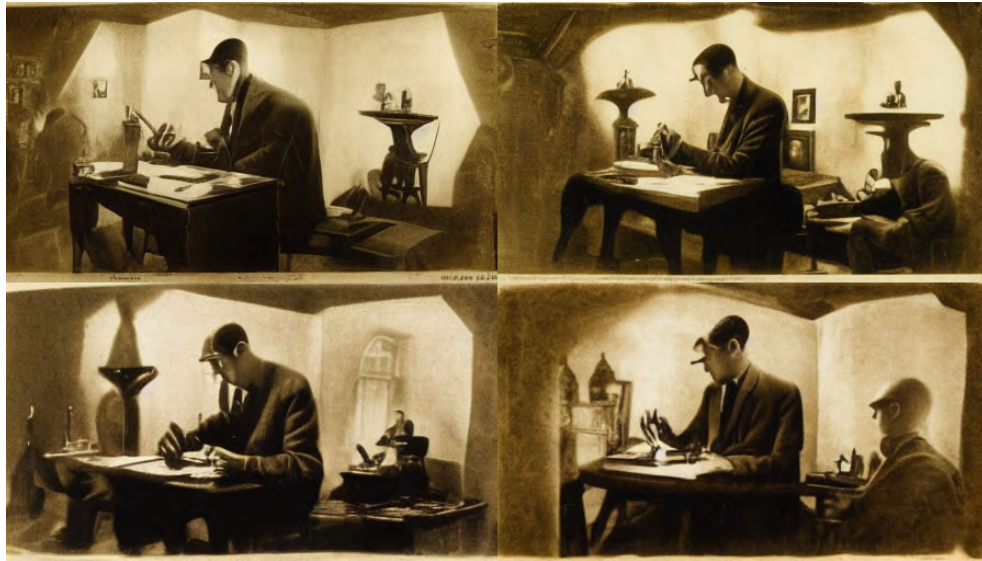


Dear Pessoa,

Only a few persons ever attain acute and ecstatic happiness, and only a minority are even **moderately happy**.

These degrees of felicity are simply chance boons which may or may not happen to befall any one person. If one stumbles upon happiness, well and good. That's just a piece of luck. But if one doesn't, there's nothing which can be done about it. Most never do — so it is well not to expect any great good of existence.

What most persons can rationally expect is a kind of *working adjustment or resignation* in which active pain is cut down to a minimum.



It is likely that a *majority of persons* could attain such a state of *tolerable equilibrium* as this through the exercise of the intelligence and a disciplining of the emotions. This, therefore, *should be the only norm* in matters of expectation and endeavour. Half of our misery-perhaps more-comes from our mistaken notion that we ought to be happy... that we somehow, for some mysterious reason, “deserve” or “have a right to” acute happiness.

The utter fallacy of this notion is something which should be widely inculcated-for just as long as people think they ought to be happy, they will extract an added unhappiness and bitterness from the fact that they are not... and most are not and never can be.

What they must learn is that the *highest consistent and practicable goal of mankind is simply an absence of acute and unendurable suffering*—a sensible compromise with an indifferent cosmos which was never built for mankind, and in which mankind is only a microscopic, negligible, and temporary accident.

That is the most which the average person will ever get out of life, and he might as well trim his sails accordingly. Anything more is purely *accidental*—and while one may be at liberty to dream idly of such happy accidents, or to enjoy them in the rare event of their actually befalling one, it is certainly foolish to expect such things, or to feel sullen or envious when (as is usual) they fail to come. All in all, mankind’s supreme folly lies in the general striving after excessively high and usually unattainable goals.

Taking mankind as a whole, in relation to the state of happiness, I fancy one could say that half the people living are just about as well off alive as dead. Of the remaining half, about half (a quarter of all people) are better *off* alive than dead, while the rest would be better off dead than alive. Probably about 3 to 5% of the human race are actively happy—and 0.5 or 1% keenly and ecstatically happy.

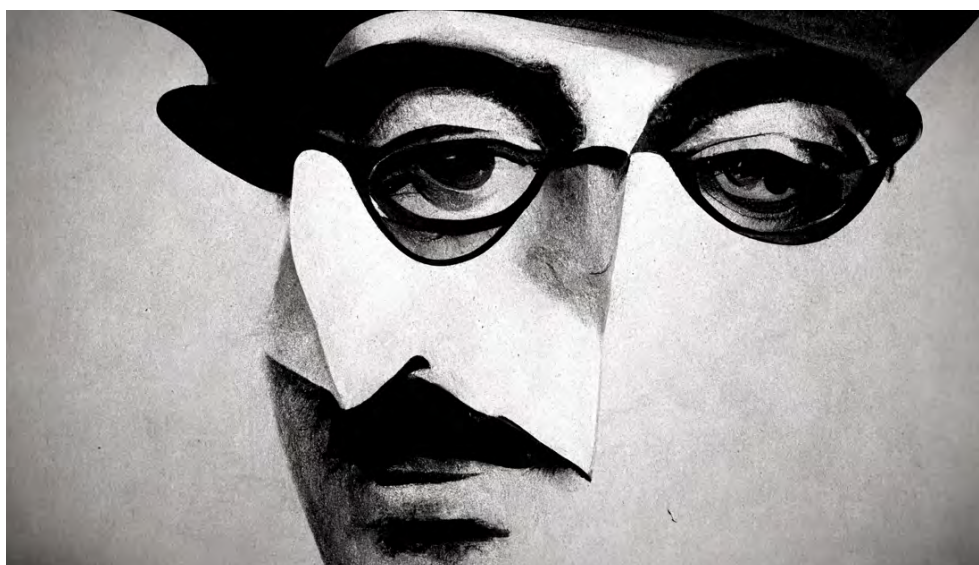


The real art of living is to become resigned to a mediocre muddling along, and to find enough things to do along the road to keep enduringly contented. Once we realise that actual happiness is probably out of reach, we are better able to enjoy the little things and objective interests which make the average life tolerable. It helps us to realise that most people are just as miserable—or as lacking in acute happiness—as we ourselves are. That's what life is—and most of those who pretend to be happy are merely bluffing.

With apologies for the inadequate scrawl which my present chaos forces me to substitute for a real letter—

Yrs by the Sunken Monolith—

Cthulhu



Querido amigo Cthulhu,

Peço-lhe mil desculpas. Sempre o querer escrever amanhã, paralisando o escrever hoje.

Tenho neste momento tantos pensamentos fundamentais, tantas coisas verdadeiramente metafísicas que dizer, que me canso de repente, e decido não escrever mais, não pensar mais, mas deixar que a febre de dizer me dê sono, e eu faça festas com os olhos fechados, como a um gato, a tudo quanto poderia ter dito. Raciocínio verdadeiramente policial: você precise pensar que ele pensa que você está pensando alguma coisa, e agirá em conformidade; por isso, você precise pensar o contrário do que pensa, outrar-se instantaneamente. Uma máscara, não chega, se não for máscara da máscara.

Um grande abraço,

Pessoa



Dear Pessoa,

Thanks exceedingly for the glimpse of the two new tales. Both are delightfully effective.

As for the human race—one may not justly regard it as either an advantage or a detriment to the universe. It simply exists as an inevitable and very temporary natural phenomenon, and the whole fabric knows nothing whatever about it. Life is a somewhat uncommon cosmic phenomenon resulting when carbon, hydrogen, and nitrogen atoms become combined or ionised in a certain way during the cooling of a planetary body's crust, and the subsequent course taken by it depends wholly on the accidental conditions of the planet's history. Probably nothing even remotely like the human race has ever existed before, exists now, or will ever exist again. It

would mean too vast a coincidence to have the exact conditions of its evolution repeated anywhere else. No one outside this microscopic earth knows or will be none (unless some other terrestrial species arises to consciousness) to recall that it ever existed. And when this planet is finally frozen to lifelessness by the fading of the sun, there will certainly be not a conceivable grain of evidence left to tell anybody (assuming the existence of other organisms somewhere amidst the scattered galaxies) that any life has ever existed on it. It is all the same to the universe whether man exists or not—hence it flatters the importance of a perfectly negligible type of temporary material organisation to claim that its absence would be preferable to its presence. In truth, man's existence doesn't matter a damn to anything or anybody save himself. From his own standpoint, it might be more merciful for him if he didn't exist.

Best wishes—

Yrs. for the Dark Lore & Elder Sign

E'ch-Pi-El



Meu caro E'ch-Pi-El:

In so far as things are, they cannot cease to be. Things pass in so far as they are not.

When I try to deduce infinity from matter, infinity only arises by thought. Infinity is a characteristic of thought.

there is no real infinity, nor limitation neither.

Our perception of the world is composed of perception and of thought.

Therefore our idea of the world's infinity and eternity.

How does the infinite realise itself? Infinitely, for we can conceive no limit to number. But if, realising itself, it realises itself by itself, the infinite, in becoming other than itself, does not pass from itself, is itself in *the other*.

Is not the infinite the *idea of number*?

Idea of number = idea of plurality.

Idea is one, plurality is many. In the idea of plurality, one = many.

Yours very sincerely,

Fernando Pessoa



Dear Pessoa,

Our human race is only a trivial incident in the history of creation. And more: may not all mankind be a mistake—an abnormal growth—a disease in the system of Nature—an excrescence on the body of infinite progression like a wart on the human hand?

Our philosophy is all childishly subjective—We imagine that the welfare of our race is the paramount consideration, when as a matter of fact the very existence of the race may be an obstacle to the predestined course of the aggregated universes of infinity!

How do we know that that form of atomic and molecular motion called “life” is the highest of all forms? Perhaps the dominant creature—the most rational and God-like of all beings—is an invisible gas! Or perhaps it is a flaming and effulgent mass of molten star-dust. Who can say that men have souls while rocks have none? Perhaps the best thing a man might do is to annihilate himself! But of this we know nothing. We are here on a grain of dust called the Earth, and endowed with a certain

imperfect and unhappy consciousness called "life". It is not for us to destroy what the Gods have given; we might err as sadly in one direction as in the other.

It is obviously our right and our duty to heed our own ignorance, and to permit Nature to work out her processes without interference from these puny, shadow-haunted centers of unrest which we call our minds. In short, most of us have no hope of happiness, nor should we waste our energy in striving for it, since it is all but unattainable.

Yrs in the Dark Brotherhood

E'ch-Pi-El



Meu prezado E'ch-Pi-El:

A tirania é das ficções sociais e não dos homens que a encarnam. Os homens são os meios que as ficções servem para tyrannizar, como a faca é o meio de que se pode servir o assassino. De certo não acreditam que abolindo as facas abolem os assassinos. Se destruírem todos os capitalistas do mundo sem destruir o capital, no dia seguinte o capital, já nas mãos dos outros, continuará a sua tirania, através desses homens. Não precisamos de destruir os capitalistas mas temos de abolir o capital. O Capital é a ficção social mais importante da nossa época. Para sermos livres temos de destruir as ficções sociais. Nem todos nascem iguais perante a Natureza: uns nascem altos outros baixos, uns fracos, outros fortes, uns inteligentes outros menos... Mas todos podem ser iguais daí em diante: só as ficções sociais o evitam. É as ficções sociais que temos de destruir se queremos ser livres! Se estarmos juntos cria novas ficções sociais e novas tyrannias... Temos de trabalhar todos para o mesmo fim, mas separados. E trabalhando separados, não podemos, de modo algum, criar uma tyrannia nova. Porque nenhum tem acção sobre o outro, e não podemos portanto,

nem, dominando-o, diminuir-lhe a liberdade, nem auxiliando-o, apagar a sua liberdade. Cada um contribui com o seu esforço para a destruição das ficções sociais.
Fernando Pessoa

P.S. Não tenho tempo para reler esta carta. Naturalmente faltam palavras aqui e acolá, dada a rapidez com que eu a escrevi. E a letra em altura nenhuma será muito legível. Você desculpe.

Milhares de abraços do seu, sempre muito seu

F.P.



Dear F.P.

This reply to your admirably interesting and generously proportioned letter of the 13th is undoubtedly going to be wretchedly inadequate, since I have lately been under a severe nervous strain. I am sure, however, that you can excuse the fault in view of the circumstances.

Democracy—as distinguished from universal opportunity and good treatment—is today a fallacy and impossibility so great that any serious attempt to apply it cannot be considered as other than a mockery and a jest. Under the highly technicalised government which any large industrial nation must have, the citizen of only average information and intelligence can possess only the faintest idea of what the very simplest political principles mean, while he has not the remotest chance of grasping

anything whatever about the more advanced and intricate problems of policy and administration. This applies, moreover, not only to the simple and uncultivated man, but to all economic and technical laymen, whether they be ploughmen or Sanscrit professors, street-sweepers or sculptors. For such uninformed persons to cast votes determining national measures, or even to fancy that they can guess what most of such measures are about, is a subject for uproarious **cosmic laughter**. And for such persons to be eligible for administrative office is something at which Tsathoggua and Yog-Sothoth must virtually split their sides in unrestrained and convulsive hilarity!



Government “by popular vote” means merely the nomination of doubtfully qualified men by doubtfully authorised and seldom competent cliques of professional politicians representing hidden interests, followed by a sardonic farce of emotional persuasion in which the orators with the glibbest tongues and flashiest catch-words herd on their side a numerical majority of blindly impressionable dolts and gulls who have for the most part no idea of what the whole circus is about. The sacred common peepul indulge their sovereign democratic right to exercise the franchise in the control of their great commonwealth—and are saddled with a set of rulers whom they didn’t really choose, and about whose real capacities and policies they know absolutely nothing... and about couldn’t understand if they were told. And that goes for economically and administratively untrained poets, teachers, and artists as well as for garage helpers and plumbers’ apprentices.

Now I’m beginning to wake up see that what I used to respect was *not really aristocracy then developed better than any other system... a set of qualities, however, whose merit lay only in a psychology of non-calculative, non-competitive disinterestedness, truthfulness, courage, and generosity fostered by good education, minimum stress, and assumed position, and JUST AS ACHIEVABLE THROUGH SOCIALISM AS THROUGH ARISTOCRACY*. It was the

fruits, not the *mechanism*, which were worthy of respect—& today the decadent mechanism functions in vacuo, pavoninely proud of its mere skeletal essence, and no longer producing the fruits which once justify'd its existence.

Hell! I'm done with it and its pretences. Best people! Best people my eye!

All good wishes—

EL IMPARCIAL



Caro EL IMPARCIAL:

Muito obrigado pela sua carta, que acabo, literalmente, de receber.

Os princípios pagãos do governo social são:

1. O direito das aristocracias; isto é, a superioridade dos dirigentes natos aos dirigidos natos; princípio da **desigualdade social**.
2. O direito do sexo masculino: princípio da **desigualdade sexual**;
3. O direito das nações cultas a governar as nações bárbaras; ou seja, o princípio da **desigualdade nacional**.

Para a execução destes direitos é mister que haja (1) a ordem social, que permita a força social estar com as minorias educadas; o que só se consegue quando a norma directriz das sociedades se encontra focada nas suas aristocracias, isto é, quando é uma norma que o povo (a plebe) sente, mas sente que não compreende; (2) a ordem sexual, quando as circunstâncias sociais não tendem a estabelecer uma igualdade de sexos; (3) a ordem nacional, quando a força é dos cultos.

Modernamente há a subversão total deste critério:

1. Pela democracia, que põe o critério decisivo no *número*, não na *inteligência*.
2. Pela pressão económica, que, atirando as mulheres para a vida extra-doméstica, tende fatalmente a estabelecer essa igualdade com os homens.
3. Pelo critério brutal da força, que tende a implicar que quem deve mandar é o mais forte.

Amº e obgdº

António Mora

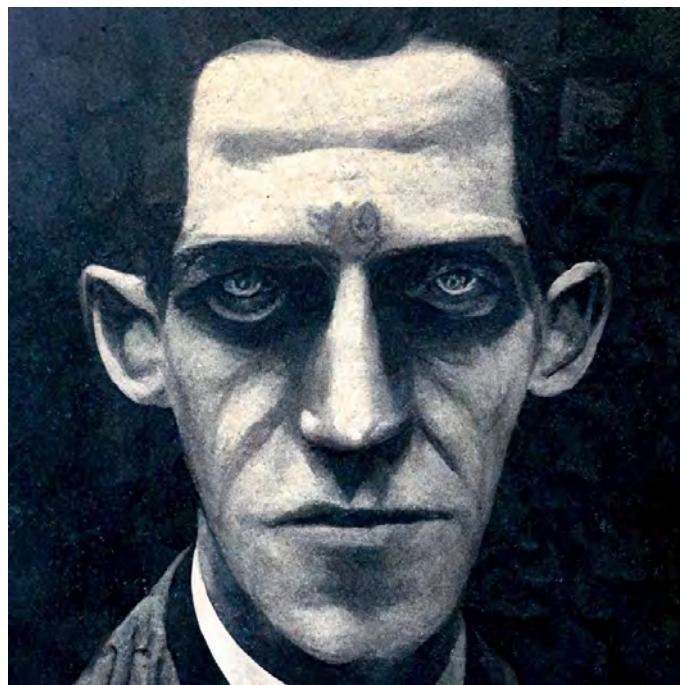


Plenipotent António Mora:

Well, I certainly have covered a lot of paper! I trust you can pardon my verbosity and boresomeness, as well as my occasional expression of sincere opinions which differ from your own. As a matter of fact, all my favourite major correspondents are persons with whom I differ on some subject or another — usually

many subjects—so that my long letters always tend to fall more less into the debate class. Just now—or rather, after I get some less agreeable work done—I’m preparing to demolish the critical position of a chap who despises weird literature and exalts smart sophistication, and after that I shall tackle a fellow who retains a more or less sheepish belief in the occult. Hammering toward truth amidst a chaos of conflicting opinions is something which has always seemed to me especially fascinating.

Let me say at the outset that there was no need of regretting anything in your former letter, since **I never take offence at any genuine effort to wrest the truth or deduce a rational set of values from the confused phenomena of the external world.** It never occurs to me to look for personal factors in the age-long battle for truth. I assume that all hands are really trying to achieve the same main object—the discovery of sound facts and the rejection of fallacies—and it strikes me as only a minor matter that different strives may happen to see a different perspective now and then. And in matters of mere preference, as distinguished from those involving the question of truth versus fallacy, I do not see any ground whatever for acrimonious feeling. Knowing the capriciousness and complexity of the various biological and psychological factors determining likes, dislikes, interests, indifferences, and so on, one can only be astonished that any two persons have even approximately similar tastes. To resent another’s different likes and interests is the summit of illogical absurdity. It is very easy to distinguish a sincere, impersonal difference of opinion and tastes from the arbitrary, ill-motivated, and irrational belittlement which springs from a hostile desire to push another down and which constitutes real offensiveness.



I have no tolerance for such real offensiveness—but I greatly enjoy debating questions of truth and value with persons as sincere and devoid of malice as I am. Such debate is really a highly valuable—almost indispensable—ingredient of life; because it enables us to test our own opinions and amend them if we find them in any way erroneous or unjustified. One who never debates lacks a valuable chart or compass in the voyage for truth—for he is likely to cherish many false opinions along with sound ones for want of an opportunity to see each opinion viewed from every possible angle. I have modified many opinions of mine in the course of debate, and have been intensely grateful of the chance of so doing.

What we must do is to shake off our encumbering illusions and false values—banishing sonorous platitudes in a civilised realisation that the only things of value in the world are those which promote beauty, colour, interest and heightened sensation. The one great crusade worthy of an enlightened man is that directed **against whatever impoverishes imagination, wonder, sensation, dramatic life, and the appreciation of beauty. Nothing else matters.** And not even this really matters in the great void, but it is amusing to play a little in the sun before the blind universe dispassionately pulverises us again into that primordial nothingness from whence it moulded us for a second's sport.

Yrs for the Litany of the Worm—

Luveh-Keraph



Dear Luveh-Keraph,

Um cansaço, um acinzentado não saber o que me espera...

Mas que nos importava que se ganhem ou percam as guerras, quando as almas se extraviam?

Tenho escrito mais, mas mando o que está completo e é mais fácil copiar. É pena que vá tudo em letra de máquina, que torna a poesia pouco poética, mas assim é mais rápido e nítido.

Nem eu nem o meu velho e imperfeito amigo Álvaro de Campos socializamos a nossa apreciação. Mas isto, que nada despe à apreciação, também nada rasga da que é dada cooperativamente.

O que não seria decente é que renegássemos o que não chegámos a dizer. Por isso, nesta carta atrasada à pressa, lhe enviamos, exigindo que v. as considere como as primeiras, as palavras fundamentais do nosso apreço e da nossa amizade.

Receba o abraço muito amigo do seu
Fernando Pessoa.



Dear Fernando:

The **black kitten** across the black garden continues to be a frequent visitor—had him over all yesterday evening. He is certainly an imp from Azathoth's nethermost gulf of tenebrous chaos!

When I was three or less I listened avidly to the usual juvenile fairy lore, and Grimm's Tales were among the first things I ever read, at the age of four. When I was five the Arabian Nights claimed me, and I spent hours in playing—Arab-calling myself "Abdul Alhazred", which some kindly elder had suggested to me as a typical Saracen name. It was many years later, however, that I thought of giving Abdul an eighth-century setting

When I was six years old, I encountered the mythology, of Greece and Rome through various popular juvenile media, and was profoundly influenced by it. I gave up being an Arab and became a Roman, incidentally acquiring for ancient

Rome a queer feeling of familiarity and identification only less powerful than my corresponding feeling for the eighteenth century. and attributing to him the dreaded and unmentionable *Necronomicon*!

Yrs by the Ebon Casket —

Abdul Alhazred



Meu prezado Camarada Alhazred:

“La France en 1950: Chacun a un pseudonyme, car c’était là l’usage il y a 50 ans chez les apaches, et tells autres.” Jean Seul de Méluret

Eu sou uma infinidade de pessoas, divergentes e contrárias a si mesmas, sincero em todas elas conjuntamente. De resto, o que escrevo é vida ou arte, se mesmo uma carta é vida sincera fingida em palavras?

Esta tendência para criar em torno de mim um outro mundo, igual a este mas com outra gente, nunca me saiu da imaginação. Teve várias fases, entre as quais esta, sucedida já em maioridade. Ocorria-me um dito de espírito, absolutamente alheio, por um motivo ou outro, a quem eu sou, ou a quem suponho que sou. Dizia-o, imediatamente, espontaneamente, como sendo de certo amigo meu, cujo nome inventava, cuja história acrescentava, e cuja figura — cara, estatura, traje e gesto — imediatamente eu via diante de mim. E assim arranjei, e propaguei, vários amigos e conhecidos que nunca existiram, mas que ainda hoje, a perto de trinta anos de distância, oiço, sinto, vejo. Repito: oiço, sinto vejo... E tenho saudades deles.

Criei em mim várias personalidades. Crio personalidades constantemente. Cada sonho meu é imediatamente, logo ao aparecer sonhado, encarnado numa outra pessoa, que passa sonhá-lo, e eu não.

Para criar, destruí-me; tanto me exteriorizei dentro de mim, que dentro de mim não existo senão exteriormente. Sou a cena nua onde passam vários actores representando várias peças.

A origem dos meus heterónimos é o fundo traço de histeria que existe em mim. Não sei se sou simplesmente histérico, se sou, mais propriamente, um histero-neurasténico. Tendo para esta segunda hipótese, porque há em mim fenómenos de abulia que a histeria, propriamente dita, não enquadra no registo dos seus sintomas. Seja como for, a origem mental dos meus heterónimos está na minha tendência orgânica e constante para a despersonalização e para a simulação.

Um grande abraço do seu

F. Pessoa

PS: Já revelaram a identidade de Álvaro de Campos, para meu dissabor.



Caro Fernando,

I adopted the pseudonym of “Valerius Messala” —Roman and not Greek, since Rome had a charm all its own for me.

When about seven or eight I was a genuine pagan, so intoxicated with the beauty of Greece that I acquired a half-sincere belief in the old gods and nature-spirits. I have in literal truth built altars to Pan, Apollo, Diana, and Athena, and have watched for dryads and satyrs in the woods and fields at dusk. Once I firmly thought I beheld some of the sylvan creatures dancing under autumnal oaks; a kind of “religious experience” as true in its way as the subjective ecstasies of any Christian... whose unimaginative emotionalism and my unemotional imaginativeness are of equal valuelessness from an intellectual point of view. If such a Christian tell me he

has felt the reality of his Jesus or Jahveh, I can reply that I have seen the hoofed Pan and the sisters of the Hesperian Phaethusa.

All good wishes,

Valerius Messala



Meu prezado Camarada Valerius Messala:

Os deuses são o primeiro grau da abstracção.

O monoteísmo é uma religião de decadência, porque, conquanto um indivíduo possa sem grande mal ser introvertido, um povo todo não o pode ser sem perder a noção verdadeira do mundo e da vida, a noção concreta deles, o que dá, como é de ver, a desadaptação e a decadência.

Apoia-se esta demonstração fácil em três raciocínios simples. A religião pagã é politeísta. Ora a natureza é plural. A religião pagã é humana. Os actos dos deuses pagãos são actos dos homens magnificados; são do mesmo género, mas em ponto maior, em ponto divino. Os deuses não saem da humanidade rejeitando-a, mas excedendo-a, como os semi-deuses. A natureza divina, para o pagão, não é anti-humana ao mesmo tempo que super-humana: é simplesmente super-humana.

A morte é a origem da vida. As cousas “sem vida” são mais elas próprias. A *desintegração* é a causa da vida.

Um grande abraço para si do muito seu

António Mora





Dear António Mora:

As for religious belief in general—I see no reason for entertaining any. All notions of cosmic consciousness & purpose, & of the importance of man in the limitless pattern of the universe, are plainly myths born of the imperfect information of man's early days. Today we know more about the background of the phenomena around us; & our present knowledge includes nothing which could reasonably lead us to assume the existence of a vast manlike intelligence (the idea is childish, since today we know that the very essence of thought, consciousness, & purpose is the organic brain of highly developed mammals—a thing utterly inconsistent with vague, unparticled^{REVER} force) in space as a whole.

Religious people seek a mystical identification with a system of hereditary myths; whereas I, who am non-religious, seek a corresponding mystical identification with the only immediate tangible external reality I which my perceptions acknowledge—i.e., the continuous stream of folk—ways around me. I achieve this mystical identification simply by a symbolic acceptance of the minor externals whose synthesis constitutes the surrounding stream. I follow this acceptance purely for my own personal I pleasure - because I would feel lost in a limitless and impersonal cosmos if I had no way of thinking of myself but as a dissociated and independent point. And my particular way of following it is simply that dictated by relative ease and a natural economy of energy.

No—I've never read any of the jargon of formal "occultism", since I have always thought that weird writing is more effective if it avoids the hackneyed superstitious and popular cult formulae. I am, indeed, an absolute materialist so far as actual belief goes; with not a shred of credence in any form of supernaturalism - religion, spiritualism, transcendentalism, metempsychosis, or immortality. It may be, though, that I could get the germs of some good ideas from the current patter of the psychic lunatic fringe; and I have frequently thought of getting some of the junk

sold at an occultists book shop in 46th St. The trouble is, that it costs too damned much for me in my present state.

Yrs in the Dark Brotherhood

E'ch-Pi-El



Caro E'ch-Pi-El:

Creio na existência de mundos superiores ao nosso e de habitantes desses mundos, em experiências de diversos graus de espiritualidade, subtilizando até se chegar a um Ente Supremo, que presumivelmente criou este mundo. Pode ser que haja outros Entes, igualmente supremos, que hajam criado outros universos, e que esses universos coexistam com o nosso, interpenetradamente ou não.

Por estas razões, e ainda outras, a Ordem Extrema do Ocultismo, evita a expressão “Deus”, dadas as suas implicações teológicas e populares, e prefere dizer “Grande Arquitecto do Universo”, expressão que deixa em branco o problema de se Ele é criador, ou simples Governador do mundo. Dadas estas escalas de seres, não creio na comunicação directa com Deus, mas, segundo a nossa afinação espiritual, poderemos ir comunicando com seres cada vez mais altos. Há três caminhos para o oculto: o caminho mágico (incluindo práticas como as do espiritismo, intelectualmente ao nível da bruxaria, que é magia também), o caminho místico, que não tem propriamente perigos, mas é incerto e lento; e o que se chama o caminho alquímico, o mais difícil e o mais perfeito de todos, porque envolve uma transmutação da própria personalidade que a *prepara*, sem grandes riscos, antes com defesas que os outros caminhos não têm. Quanto à “iniciação” ou não, posso dizer-lhe só isto: não pertenço a Ordem Iniciática nenhuma.

Is there a vacuum between bad and good?
Um grande abraço

Fernando Pessoa



Dear Pessoa,

It is folly and hypocrisy to use the hack terms “God” and “religion” to describe things having no relationship to the original concepts back of those terms. Whilst certain of the value centric and teleological implications of these fellows may be said to form a pale echo of the obsolete theism, especially in some of its more mystical Hindoo phases, it is ridiculous to consider them as a prolongation of the highly dogmatic and childish specific set of delusions constituting the nominal Christianity of the Western World. According to any person following the Christian religion in its basic essence, be he a Papist or Protestant, both Jeans and Einstein are definite atheists. Thus we see the element of puerile fashion and irrational mob-psychology in any popular trend inclusive enough to favour at once, and allegedly on the same grounds, the crazy archaism of a Chesterton and the indecisive word-juggling of a Jeans or an Einstein.

Blessings of Sathanas & his Archfiends upon thee!
Thine in the Kshan Ritual—

E’ch-Pi-El





Meu caro E'ch-Pi-El:

Onde está Deus, mesmo que não exista? Quero rezar e chorar, arrepender-me de crimes que não cometi. Nunca tive alguém a quem pudesse chamar "Mestre". Não morreu por mim nenhum Cristo. Nenhum Buda me apontou o caminho. No alto dos meus sonhos nenhum Apolo ou Atena me apareceu, para que me iluminasse a alma. O Deus Criador das Coisas, é apenas uma manifestação, é uma Ilusão.

Toda a criação é ficção e ilusão. A Matéria é uma Ilusão para o Pensamento; o Pensamento uma ilusão para a Intuição; a Intuição uma ilusão para a Ideia Pura; a Ideia Pura é uma Ilusão para o Ser. E o Ser é essencialmente Ilusão e Falsidade. Deus é a Mentira Suprema.

O homem perfeito do pagão, era a perfeição do homem que há, o homem perfeito do cristão é a perfeição do homem que não há, homem perfeito do budista é a perfeição de não haver homem. A raça dos deuses e dos homens é uma só.

Pertenço a uma geração que perdeu por igual a fé nos deuses das religiões antigas e a fé nos deuses das irreligiões modernas. Não posso aceitar Jeová, nem a humanidade. Cristo e o progresso são para mim mitos do mesmo mundo. Não creio nem na virgem Maria nem na electricidade!

Qualquer que seja o segredo do mistério das coisas, ele é, por certo, muito complexo; ou, se é muito simples, é de uma simplicidade que não temos faculdade que veja. Conta a maioria das doutrinas filosóficas tenho a queixa de que são simples; o facto de quererem explicar é prova bastante de tal, pois explicar é simplificar.

Por fantasista que seja a teoria do mal de Soame Jenyns, não é, ao menos, absurda, como o é a doutrina de um deus onipotente e bom, mas criador do mal, porque de tudo. A hipótese de Soame Jenyns tem, até, a vantagem – talvez ilusória, porém aparente – da analogia; assim como intervimos – umas vezes para bem deles, outras para mal; umas talvez para bem supondo que é para mal, e vice-versa – na vida dos seres nossos inferiores, assim se pode conceder que procedem para

connosco seres que nos são tão superiores como o somos aos gados dos nossos campos, ou às aves dos nossos ares.

Amigo sincero e grato,

Barão de Teive



Dear Barão de Teive:

If religion were true, its followers would not try to bludgeon their young into an artificial conformity; but would merely insist on their unbending quest for *truth*, irrespective of artificial backgrounds or practical consequences. With such an honest and inflexible *openness to evidence*, they could not fail to receive any *real truth* which might be manifesting itself around them.

The fact that religionists do *not* follow this honourable course, but cheat at their game by invoking juvenile quasi-hypnosis, is enough to destroy their pretensions in my eyes even if their absurdity were not manifest in every other direction.

Of course, their policy is the habitual ostrich-act of all primitive thinkers. When they see that honest openness to evidence does not incline their children toward the preferred system of myths, they do not behave like civilised beings and question the validity of the myths, but turn about and try to cripple the mental receiving apparatus of their children until the poor mites duplicate the accidental bias of their misinformed elders and forcibly acquire the same set of meaningless moods and obsolete prejudices.

Thus each of the deeply-seated myth-systems carries on - the little Hindoo becoming a Brahma-worshipper like papa, the little Moslem continuing the ancestral whine of Allah, the little Yankee intoning nasal psalms to the god or demigods of the Christians, the little Jap burning more and more incense at Shinto shrines...and

so on... ad infinitum... ad absurdum... and pretty soon the solar system will play out, and nobody in the cosmos will know that there has ever been any earth or human race or Brahmins or Moslems or Christians or Shintoists or such... dust no dust... and the ironic laughter of any entity which may happen to be watching the cosmos from outside... ho, hum!

Under the Infra-Red Seal of N'kai

E'ch-Pi-El



Meu querido E'ch-Pi-El:

Desculpe que eu comece esta carta por lhe falar de mim. Mas não é de mim que falo, antes de eu em outro, e não sei quem fala.

Eu lhe explico: estando ontem no meu quarto, com o pensamento demasiado acordado para me ir deitar, acerquei-me da cómoda e comecei escrevendo o essencial de um tratado filosófico, a que dei por título Tratado da Negação. Pura inteligência sem corpo, estranhando mesmo a mão que traçava as letras na folha, iniciei de seguida um Tratado de Astrologia, e logo depois uma Introdução ao Estudo do Ocultismo. Várias páginas seguidas escrevi, e espero desenvolver nas próximas noites esses livros – cuja estrutura inteira logo adivinhei, como se os recebesse já feito. Mas ouça o mais extraordinário: quando parei de escrever, já a madrugada se levantara, olhei-me no pequeno espelho oval que há na parede. E vi claramente, sobreposta à minha cara, a cara de um homem mais velho, de longas barbas. Voltei às páginas escritas, e assinei-as com o nome do autor que é o delas: Raphael Baldaya, astrólogo.

Não pense que enlouqueci, a não ser que você chame loucura a nós existirmos como porta por onde entram na existência seres mais reais do que nós, para nos indicarem os caminhos que desconhecemos.

Na verdade, há muito tempo pondero estabelecer-me em Lisboa como astrólogo. Eu receio um pouco pôr os horóscopos ao serviço do comércio, vendendo aquilo que só deve ser ganho com estudo – mas a necessidade material é pesada, e o surgimento de Rapahael Baldaya parece-me bom sinal

Que pensa você?



Subitamente descreio do postigo Raphael Baldaya, em quem de novo acreditarei amanhã. Com estes interlúdios de sinceridade me consolo de heteronímicos consolos. Sinceridade? Antes estilo, retórica, mentira fingida, e eu a saber que são falsas as frases em que juro ser sincero, e estou descrendo agora mesmo desta frase que escrevo. Você vê bem **o tormento de eu me erguer múltiplo**, por isso tantas vezes demoro a responder às suas cartas, a comentar os seus poemas.

Com a alma embrulhada para dentro, mal consigo sair da prisão de mim. Não são as suas cartas que se perdem (recebi a de 27 de Novembro, com os três poemas), sou eu que me descubro, de mim próprio, perdido.

Diga-me rapidamente o que pensa disto tudo. Eu sinto orgulho, e sinto medo.

A ninguém posso contar estas coisas, senão a si.

Tudo o que poderia ser grande é afinal falso.

Esta última frase tem o beneplácito do Sr. Engenheiro Álvaro de Campos, que lhe envia cumprimentos futuristas.

E receba milhares de abraços do sempre seu

Fernando Pessoa





Dear Pessoa,

I seem to be a hard person to locate these days! Even now I am on the move again, having picked up your letter just as I was leaving for Boston to visit a friend & accompany him on a trip to the “Dunwich” region of central Massachusetts. This reply is written in the Boston zone, but I’ll hold it till I get home in order to enclose those Yuggothian fungi you wish.

Turning to your individual theories—here, of course, my ignorance continues to disqualify me as an intelligent arbiter.

It is now clear to me that any actual literary merit I have is confined to **tales of dream-life**. Strange shadow, and cosmic “outsideness”, notwithstanding a keen interest in many other departments of life and a professional practice of general prose and verse revision. Why this is so, I have not the least idea. I have no illusions concerning the precarious status of my tales, and do not expect to become a serious competitor of my favourite weird authors—Poe, Arthur Machen, Dunsany, Algernon Blackwood, Walter de la Mare, and Montague Rhodes James. The only thing I can say in favour of my work is its **sincerity**. I refuse to follow the mechanical conventions of popular fiction or to fill my tales with stock characters and situations, but insist on reproducing real moods and impressions in the best way I can command. The result may be poor, but I had rather keep aiming at serious literary expression than accept the artificial standards of cheap romance.

I have tried to improve and subtilize my tales with the passing of years, cut have not made the progress I wish. Some of my efforts have been cited in the O’Brien and O. Henry annuals, and a few have enjoyed reprinting in anthologies; but all proposals for a published collection have come to nothing.

Yrs in the Dark Brotherhood

E’ch-Pi-El



Meu prezado Camarada E'ch-Pi-El,

O Mundo é formado de duas ordens de forças: as forças que afirmam e as forças que negam. As forças que afirmam são as forças criadoras do mundo, emanadas sucessivamente do Único, centro da Afirmação. As forças que negam emanam de além do Único. O Único, de quem Deus, o Deus Criador das Coisas, é apenas uma manifestação, é uma Ilusão. Toda a criação é ficção e ilusão. Assim como a Matéria é uma Ilusão, provadamente, para o Pensamento; o Pensamento uma ilusão para a Intuição; a Intuição uma ilusão para a Ideia Pura; a Ideia Pura é uma ilusão para o Ser. E o Ser é essencialmente Ilusão e Falsidade, Deus é a Mentira Suprema.

Um grande abraço do seu amigo certo, admirador e obrigado.

Raphael Baldaya



Dear Baldaya:

If all things be from a God infinitely good, then good must be in all things. Plurality comes from this unity; is plurality evil? And if it be said that time and space which make the world as it is are principles of evil, whence do they come? If from a good God, they are good. If from another thing there are two principles, as Zoroaster said. Evil again, it is said, is the result of our earthly condition, imperfection is the result of creation. But if creation be by God, creation cannot be evil, since God is considered as good.

Again, it may be argued, the world is a manifestation. How the characteristic of a manifestation is that it is the opposite of the thing manifested. The one is manifested as many, the immutable as that which has motion.



Therefore then the good is manifested as the bad. The explanation seems to be good. But if this be so, there is, this is a law of manifestation. God is then governed by a law? The *Fatum* of the romans, the *Ananke* of the Greeks is then greater than God himself? God is then not the *supreme Being*?

What this means—and it means it just as plainly, for all the jaunty flippancy of touch-and-go epigrammatists who dare not put their fallacies to the test of honest reason and original cerebration – is simply this: that although each of the conflicting orthodoxies of the past, founded on known fallacies among primitive and ignorant races certainly has an *equal theoretical chance* with any chance with any other orthodoxy or with any theory of science of being true, *it most positively has no greater chance than has ANY RANDOM SYSTEM OF FICTION, DEVISED CAPRICIOUSLY BY IGNORANCE, DISEASE, WHIM, ACCIDENT EMOTION, GREED, OR ANY OTHER AGENCY INCLUDING CONSCIOUS MENDACITY HALLUCINATION, POLITICAL OR SOCIAL INTEREST, AND ULTERIOR CONSIDERATIONS IN GENERAL.* If we could shave off the moustachelets of our Chestertons and rub their noses in this plain truth, we would have fewer spectacles of neo-obscurantism.

Yrs by the Black flame—

E'ch-Pi-El



Meu prezado camarada E'ch-Pi-El:

Não acredito em Deus porque nunca o vi. Se ele quisesse que eu acreditasse nele, Sem dúvida que viria falar comigo, E entraria pela minha porta dentro, Dizendo-me, *Aqui estou!*

Mas se Deus é as flores e as árvores, E os montes e sol e o luar, Então acredito nele, então acredito nele a toda a hora, Mas se Deus é as árvores e as flores e os montes e o luar e o sol, para que lhe chamo eu Deus?

Amigo sincero e grato,

Alberto Caeiro





My dear Caeiro,

Humanity means **mind**—but the physical is shared by all the less highly organised forces of the cosmos. With these underlying assumptions, it would be hard for me to attach any primary importance to the physical. I do, however, recognise its secondary importance in making consciousness effective and in safeguarding the fruits of consciousness; hence (as I said before) never share the views of those idealists or pacifists who actually despise it. Indeed, I have just as much of a controversy with them as with these opposite extremists who primarily enthrone the physical. As a matter of fact, the natural principles of aesthetics demand a certain amount of harmony in any organism; and such is the origin and construction of the human animal that it would be disharmonic and ill-proportioned if lacking in a certain amount of physical development and physical assertiveness. Decidedly, I have nothing in common with the **fanatical anti-physicalism** of such extreme ascetics as the genuine Christians or the “Yogis” and other mystics of the East. On the contrary, I thoroughly endorse the Horatian precept of “mens sana in corpore sano”, and am keenly sensitive to the vivid drama of physical force—acting in its proper proportion—in the stream of history.

Altogether, **Kant** is one whose name might be quite readily commenced with a lower-case “c”. His value in stimulating thought and advancing philosophy need not be questioned, but in matters of detail he is simply an empty and exaggerated name—one of those figures who receive accretions of blind adulation until they become mere magic words—mystical abracadabras of classical tradition whose revered mouthings and dialectics would evaporate if examined without the deafness and blindness of irrational veneration. As sequels to Kant, I sincerely trust that you will read Schopenhauer and Nietzsche. Lest you fancy that I am making an idol of **Nietzsche** as others do of Kant, let me state clearly that I do not swallow him whole. His ethical system is a joke—or a poet’s dream, which amounts to the same

thing. It is in his method, and his account of the basic origin and actual relation of existing ideas and standards, which make him the master figure of the modern age and founder of unvarnished sincerity in philosophic thought.

Yrs be the Pentacle of Noth—

Luveh-Keraph



Caro Luveh-Keraph,

A escravatura é a lei da vida, e não há outra lei, porque esta tem de cumprir-se, sem revolta possível nem refúgio que achar. Todo o esforço é um crime porque todo o gesto é um sonho morto.

Tudo, quanto penso ou sinto, inevitavelmente se me volve em modos de inércia. O pensamento, que em outros é uma bússola da acção, é para mim um microscópio dela, que me faz ver universos a atravessar onde um passo bastara para transpor – como se o argumento de Zenão, da intransponibilidade de cada espaço, que pode ser infinitamente divisível, é pois infinito, fosse uma droga estranha com que me houvessem intoxicado o organismo espiritual.

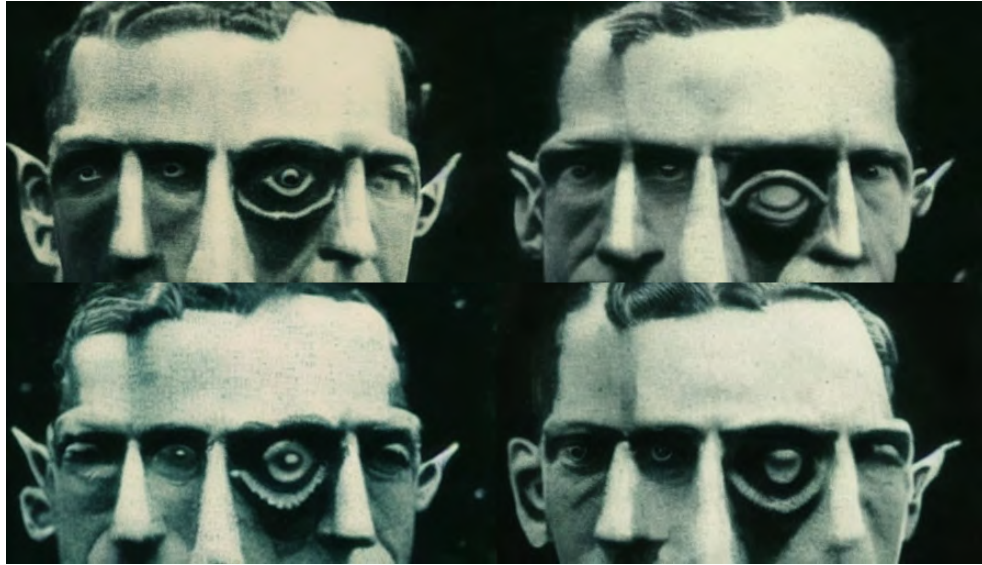
Creia sempre na amizade e na admiração do seu muito dedicado,
Bernardo Soares



Dear Soares:

All is chance, accident, and ephemeral illusion—a fly may be greater than Arcturus, and Durfee Hill may surpass Mount Everest – assuming them to be removed from the present planet and differently environed in the continuum of

space-time. There are no values in all infinity—the least idea that there are is the supreme mockery of all. All the cosmos is a jest, and fit to be treated only as a jest, and one thing is as true as another. I believe everything and nothing—for all is chaos, always has been, and always will be. Ease, amusement—these are only relative qualities fit to be classed as values.



But after all, what is life and its purpose? What right has man arbitrarily to assume his own importance in creation? Science can trace our “world to its source; to the moment of its birth from the great solar nebula in the remote past. More—Science can demonstrate that all the planets of our system had a similar origin. Extending the principle to the sidereal heavens, from whose contemplation, indeed, the nebular hypothesis was originally derived, we find the nebular form is the present condition of all creation—a condition which precludes the existence of life. Therefore we are able to comprehend that the human race is but a thing of the moment; that its existence on this planet is extremely recent, as infinity is reckoned; and that its possible existence in all the expanse of illimitable space is but a matter of yesterday.

Space and time have always existed and always will exist. This is the only legitimate axiom in all philosophy. And we are able to see that not only humanity, but all other forms of organic life as well are mere innovations; unless, perchance, previous and unknown universes have flourished and perished in the irretrievable recesses of the incomprehensibly remote past.

Our human race is only a trivial incident in the history of creation.

And more: may not all mankind be a mistake—an abnormal growth—a disease in the system of Nature—an excrescence on the body of infinite progression like a wart on the human hand? Might not the total destruction of humanity, as well as all animate creation, be a positive *boon* to Nature as a whole?

How arrogant of us, **creatures of the moment**, whose very species is but an experiment of the *Deus Naturae*, to arrogate to ourselves an immortal future and considerable status! How do we know that we have a right to live?



Our philosophy is all childishly *subjective*—we imagine that the welfare of our race is the paramount consideration, when as a matter of fact the very existence of the race may be an obstacle to the predestined course of the aggregated universes of infinity!

How do we know that that form of atomic and molecular motion called “life” is the highest of all forms? Perhaps the dominant creature—the most rational and God-like of all beings—is an invisible gas! Or perhaps it is a flaming and effulgent mass of molten star-dust. Who can say that men have souls while rocks have none?

Perhaps the best thing a man might do is to annihilate himself! But of this we know nothing. We are here on a grain of dust called the Earth, and endowed with a certain imperfect and unhappy consciousness called “life”.

There is such a thing as pleasure and happiness tho’ it is experienced by few, and only to be obtained by a career of such strenuous achievement that the majority are denied more than a sip. False, loose pleasures are not happiness at all, and are invariably compensated for by misery, the certain result of wide deviation from the normal. In short, most of us have no hope of happiness, nor should we waste our energy in striving for it, since it is all but **unattainable**.

Yrs by the Spotted Tentacles of Yith—

Luveh-Keraph





Caro Luveh-Keraph,

Além de ter demorado um pouco o responder-lhe por não sei que razão propriamente definível, demorou-me um pouco mais, ao pensar em escrever-lhe enfim, o não saber bem o que lhe hei-de dizer, que V. já não saiba, da alta opinião que tenho do seu génio.

É preciso criar abismos, para a humanidade que os não sabe saltar se engolfar neles para sempre. Criar todos os prazeres, os mais artificiais possível, os mais estúpidos possível, para que a chama atraia e queime.

O problema da sobrepovoação, o problema da sobreprodução eliminam-se criando-se focos de eliminação humana (por meio de todos os vícios), criando focos de inércia humana (por meio de todas as seduções). Fazer suicidas, eis a grande solução sociológica.

Guarde-vos Deus; e que a Futura Divindade Tutelar das Estranhezas Irritantes vos assente à sua mão direita.

Álvaro de Campos



Noble & Diabolic Álvaro de Campos,

You know Theobaldian reserve, Theobaldian conservatism, and Theobaldian adherence to the old all indecision and precipitate an abrupt turn of affairs. In this case finance, pessimistic weighing of all life against cyanidic oblivion, sheer inertia, reticence, and a blind clinging to the hibernatory past as represented by uncommercial daytime sleeping at 598, all united to maintain a listless status-quo. Then dawned the inevitable need of doing something definite the need to “get up and get” industrially, or to make good my ancient plan of shuffling off to a Swan Point subterranean repose. The old sleep was over, and unless I wished to face a new and

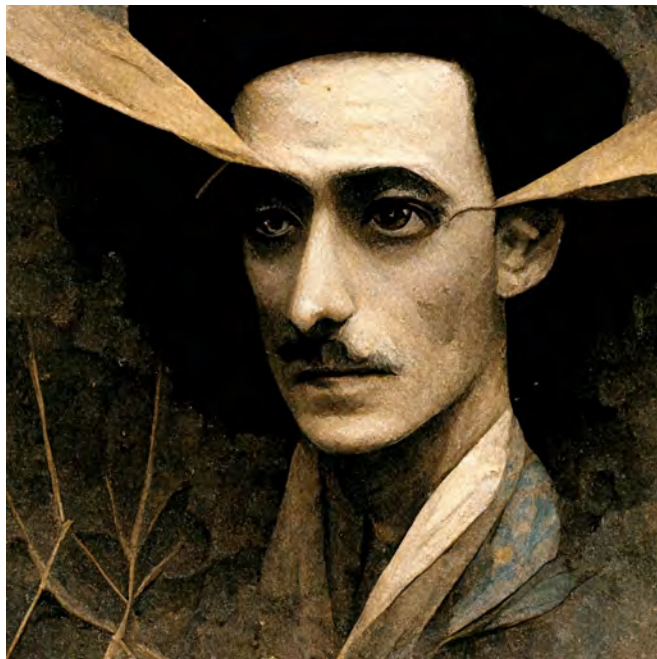
voluntarily eternal sleep I must secure the settled and bracing environment which can electrify a fat, ambitionless, and drowsing senile shuffler into a real man and professionally capable entity.



With apologies for the inadequate scrawl which my present chaos forces me to substitute for a real letter.

Yrs by the Sunken Monolith—

Grandpa Theobald



Excelentíssimo Grandpa Theobald,

Atinjo, quebrando todos os laços, excepto o último, entre mim e a vida, aquela clareza da alma em sentir, e a do entendimento em compreender, que me dão as palavras com a sua força.

O suicídio é um impulso como o que leva a deitar cedo.

Devo tomar uma bebida ou suicidar-me?

Creia sempre na amizade e na admiração do seu muito dedicado,

Barão de Teive



Dear Baron:

It might be said that I am just about two inches from the suicide level-among that vast majority for whom existence is the barest shade preferable to non-existence. But, of course, that bare shade makes a vast amount of difference. What keeps me alive is the ability to look back to the past and imagine I am still in 1902 or 1905. Of all my dreams, about 0.8 are of that period—with myself in short trousers and at the old home, with my mother, grandfather, black cat Nigger-Man, etc. still alive. Thus the world of the early 1900's still exists for me in about a third of the hours of my daily life. As long as I can retain the books and pictures and furniture and accessories of those days, as I still do, I have something to live for. When I no longer can, I shall move to that lot in Swan Point Cemetery which is reserved for me.

H P L

P. S. Just had word from Howard's father. Sad news is all too true. R E H shot himself when he learned that his mother's illness was fatal. Double funeral. The shock to poor old Dr. Howard must be unbearable - wife & splendid only child gone

at one blow. R E H's melancholy streak must have gone deeper than we thought—for the most can take the inevitable loss of the elder generation more philosophically.

Best wishes—

Yrs most cordially and sincerely

Howard Philips Lovecraft



Caro Howard,

Não lhe tenho escrito. Tenho atravessado uma enorme crise intelectual. E agora estou muito pior, com a enorme tragédia que nos aconteceu a todos.

O Sá-Carneiro suicidou-se em Paris no dia 26 de Abril.

Não tenho cabeça para lhe escrever, mas não quero deixar de lhe comunicar isto.

Claro está que a causa do suicídio foi o temperamento dele, que fatalmente o levaria àquilo. Houve, é claro, uma série de perturbações que foram as causas ocasionais da tragédia.

Ele suicidou-se com esticnina. Uma morte horrorosa. Já tencionara suicidar-se três vezes – em 3 de Abril a primeira.

Uma grande desgraça!

Naturalmente *Orpheu* publicará uma plaquette, colaborada só pelos seus colaboradores, à memória do Sá-Carneiro. Logo que v. puder, portanto – quanto antes melhor – v. mande-me qualquer coisa breve (o mais esmerado possível) à memória dele. Não se esqueça. O bom era se o mandasse pelo próximo vapor.

E dê-me notícias suas. Não as tenho tido.

Creia V. Ex.^a no respeito e na admiração

Fernando



My dear Fernando:

The death of my **mother** on May 24 gave me an extreme nervous shock, and I find concentration and continuous endeavour quite impossible. I am, of course, supremely unemotional; and do not weep or indulge in any of the lugubrious demonstrations of the vulgar- but the psychological effect of so vast and unexpected a disaster is none the less considerable, and I cannot sleep much, or labour with any particular spirit or success.

For my part, I do not think I shall wait for a natural death; since there is no longer any particular reason why I should exist. During my mother's lifetime I was aware that voluntary euthanasia on my part would cause her distress, but it is now possible for me to regulate the term of my existence with the assurance that my end would cause no one more than a passing annoyance. Possibly I shall find enough interesting things to read and study to warrant my hanging on indefinitely, but I do not intend to endure boredom beyond a certain limit. It is better to be as one was in the eternity before he was born. My mother was, in all probability, the only person who thoroughly understood me, with the possible exception of Alfred Galpin.

Yrs most cordially & sincerely,

Howard



Prezado Howard,

Por defronte da janela única do quarto de onde lhe escrevo acaba de passar um enterro. Estava aberta e eu, aqui sentado, notei subconscientemente o deslizar dos trens cujo rodar múltiplo se vai agora perdendo no fim da rua, onde uma

alteração no som do passo me diz que viraram já a esquina. O enterro não me interessaria nem julgaria eu que ele para si tinha interesse se não conhecesse o homem cujo passamento se deu. Conheci-o ligeiramente porque poucas vezes lhe falei; largamente porque o compreendi. Não sei se serei bem sucedido na narração que vou fazer. Sinto que compreendo melhor do que conscientemente compreendo. Seja-me dado ao menos escolher palavras que sirvam de ponte às minhas intuições do meu espírito para o seu. Que uma intuição minha lhe desperte uma intuição e assim confessadamente nos entendamos.

Sempre e muito seu,

Fernando



Dear Fernando,

Sorry your health has been giving you so much trouble, and hope you can somehow manage to get more exercise and outdoor air despite commercial exigencies. Can't you do more of your writing in the open, as I do? I've probable mentioned before that no fine summer afternoon ever finds me under roof. Current work and reading all go into a black leatherette bag, and accompany me to whatever neighbouring woodland retreat I choose. Likewise when I am way—I always choose some picturesque park or other outdoor spot to do my reading and writing in. Here in New Orleans, as I mentioned before, my headquarters is ancient Jackson Square - where I am at the present moment. But as for health—I'm only just on my feet again myself. I was slowly recovering from my April cold when I hit New York, but there the unheated condition of Long's apartment house gave me a hell of a relapse. I used 33 handkerchiefs in the course of only a few days, and could not smell or taste a thing from May 3 until 3 days ago! All my southward trip—enjoyable as it was—was made under the most distressing nasal and bronchial conditions, with a steady headache accompaniment! But the warmth of New Orleans is baking the venom out of me, and I feel better each day.

Things hereabouts have just been thrown into chaos by a most unexpected disaster. while answering the doorbell during my absence, my aunt slipped on the stairs & broke an ankle. Doctor... ambulance... Rhode-Island Hospital... X-ray... ether.... setting in plaster cast... room in Ward K.... prospect of 6 weeks in bed & several more on crutches... & a financial drain of utterly paralysing magnitude. A truly beautiful thing to happen when one is half-settled in a new home! Well—there's no danger, although restriction to one recumbent posture is rather hard on the back—and on the nerves.

My aunt progresses as expected, though her restriction to one posture is giving her a lame back. In about a week she will probably return home with a nurse. I visit the hospital each day, & am kept so busy that all travel plans are off. I've enjoyed the warmer weather, though our temperatures haven't equalled yours. Have taken some long walks south of the city - one to the quaint & ancient fishing village of Pawtuxet. And, of course, I do most of my writing outdoors in parks.

Yrs in the Dark Brotherhood

E'ch-Pi-El



Querido E'ch-Pi-El:

De há meses para cá que tenho a pesar sobre mim a gravíssima doença de minha mãe. Ela teve uma intermitente doença nervosa e ficou com uma paralisia em todo o lado esquerdo do corpo. Vai melhorando — segundo as cartas que recebo — mas tão lentamente, tão incertamente, que eu nunca posso tirar do meu espírito a

pressão fria da incerteza a respeito dela. Já esta angústia, hoje consubstanciada comigo, me apoquenta e me desvaira.

Acrescente-se-lhe o grande sofrimento que você — sem querer, é claro — me causou com a sua terrível crise. Não sei se você avalia bem até que ponto eu sou seu amigo, a que grau eu lhe sou dedicado e afeiçoado. O facto é que a sua grande crise foi uma grande crise minha, e eu sentia, como já lhe disse não só pelas suas cartas, como, já de antes, telegraficamente, pela “ projecção astral ” (como eles dizem) do seu sofrimento. Acrescente a estas duas graves razões para eu me apoquentar esta outra — que, à parte tudo aquilo, estou atravessando agora uma das minhas graves crises mentais. E imagine você que, para isto não ser tudo, essa crise mental é de várias espécies ao mesmo tempo, e por diversas razões.

Sobreponha, agora, a isto tudo uma pressão de trabalho — não de um género, mas de várias espécies.

Você calcula bem o que tem sido o resultado de tudo isto... Tenho desleixado tudo, fazendo só aquele trabalho que é absolutamente impossível não fazer.

Tenho atrasado o meu trabalho de traduções. Há mais de um mês que tenho para traduzir um livro de 100 páginas pequenas, que, normalmente, eu traduziria em 5 dias. E ainda não tenho traduzidas senão 30 páginas! Vão sempre tarde as minhas cartas para minha família. Para você, você já sabe o que tem sido. É assim com tudo, numa força absurda de perder tempo, de navegar pela costa do Inútil, e outras metafrases análogas — que todas são poucas para o que hoje vivo.

Isto serve para justificar a minha demora em escrever-lhe. Mas o facto de esperar ansiosamente notícias suas, para lhe escrever mais calmamente, tem, também, contribuído um pouco para esta demora.

Um grande abraço do seu

Pessoa





Dear Pessoa:

Commiserations on the varied ills! I' too, have been feeling like hell - with my old winter malady of swelled feet (thank Yuggoth it isn't swelled head!) plus a kind mixed indigestion & and general weakness. Here's to an early summer!

Whether the sensations I strive to utter are actually too nebulous or intangible for concrete utterance, or whether I am simply unequal to the task of uttering them, I have not yet been able to decide; although I tend to incline toward the latter explanation.

And adopting this theory—I am further unable to decide whether my incapacity proceeds from a lack of natural endowments, or whether it is a result of excessive familiarity with pulp fiction and its puerile crudities.

But be all this as it may, the fact remains that whatever I write lacks the subtlety and maturity needed to give really effective expression to the mood behind the picture. For example—at present I am haunted by the cloudy notion of brooding, elder forces surrounding or pervading an ancient house and seeking to achieve some sort of bodily formulation.

All good wishes - & hope the spring rush won't get too oppressive.

Yr ob^t Grandsire

E'ch-Pi-El



Meu querido Amigo:

Agradeço-lhe imensamente a sua carta, e, sobre tudo, a sua anuência ao que lhe pedi. Não negarei que dedico a vida a escrever.

Os textos que termino, mesmo, foram quase sempre redigidos numa só noite, como “O marinheiro”. Quando durmo, acordo outro; como poderia, no dia seguinte, regressar a um texto que já não é meu?



Pensar que considereei uma obra este monte incoerente de coisa, afinal, por escrever! Pensar, neste momento definitivo, que me julguei com força para sistematizar esses elementos todos numa obra acabada e visível!

Se o poder sistematizador do pensamento bastasse para a obra se fazer, se a sistematização fosse coisa que a intensidade da emoção pudesse obrar, como um breve poema ou um curto ensaio, então por certo a minha obra se haveria feito, pois se haveria deveras feito ela, em mim, e não eu a ela, como determinador.

Disponha do seu am^o m^{to} grato

Fernando



Dear Fernando,

I really agree that *Yog-Sothoth* is a basically immature conception, and unfitted for really serious literature. The fact is, **I have never approached serious literature as yet**. But I consider the use of actual folk-myths as even more childish than the use of new artificial myths, since in employing the former one is forced to retain many blatant puerilities and contradictions of experience which could be subtilized or smoothed over if the supernaturalism were modelled to order for the given case. The only permanently artistic use of Yog-Sothothery, I think, is in symbolic or associative phantasy of the frankly poetic type; in which fixed dream-patterns of the natural organism are given an embodiment and crystallisation.



All my tales, except for perhaps one or two, dissatisfy me profoundly on close analysis; and I have about decided to call a halt unless I can manage to do better than I am doing. I am using the new idea as a basis for what might be called laboratory experimentation-writing it out in different manners, one after the other, in an effort to determine the mood and tempo best suited to them. What I shall—or shan't—write hereafter depends to some extent on how I come out with these experiments. My latest move is to destroy all three versions written to date, preparatory to embarking on a fourth. The trouble with most of my stuff is that it falls between two stools—the vile magazine type subconsciously engrafted on my method by W.T. association, and the real story. My tales are not bad enough for cheap editors, nor good enough for standard acceptance and recognition. As Putnam's pointed out, they tend to become too explanatory - to lack subtlety in the manner of Blackwood's "Incredible Adventures" or Machen's "White People." In choosing which direction to take for further efforts, I have little difficulty. Repugnance - and lack of natural cleverness and adaptability—definitely deters me from the popular "eckshun" field so all I can do is to try honestly to write really better stories or give up the whole mess as a bad job - though possibly pulling off consciously mediocre yarns now and then for sheer amusement.

With every good wish, & hoping you like some of the accompanying tales, I remain.

Yrs most cordially,

H P Lovecraft





My dear friend,

To us, Englishmen, of all men the most egotistic, the thought has never occurred that misery and grief ennobles, despicable and self-caused though they be.

As I read my work I ache in mind to perceive how pretentious, how literary-diary-like they are! In some I have even made style. Yet I suffer none the less. A man may suffer as much in a suit of silks as in a sack or in a torn blanket. No more.

Yours faithfully,

Charles Robert Anon





My dear Charles,

I've finished "The Shadow out of Time", but am so badly dissatisfied with it that I can't bear to type it.

Have a sort of time idea of very simple nature floating around in the back of my head, but don't know when I shall ever get around to using. Complications can be imagined. I have no idea how—or from what angle—I shall elaborate the thing.

With best wishes—

Yr most ob^t h^{ble} serv^t

HPL





Caro HPL, meu querido amigo,

Muito obrigado pela sua carta. Entristeceu-me muito o que me diz do seu actual estado de espírito. Mostra-o bem o soneto – deveras belo – que me mandou e que muito agradeço. Mesmo nos pântanos do espírito há lótus que florescem.

Fazer uma obra e reconhece-la má depois de feita é uma das tragédias da alma. Sobretudo é grande quando se reconhece que essa obra é a melhor que se podia fazer. Mas ao ir escrever uma obra, e saber de antemão que ela tem de ser imperfeita e falhada; ao está-la escrevendo estar vendo que ela é imperfeita e falhada – isto é o máximo da tortura e da humilhação do espírito. Não só dos versos que escrevo sinto que me não satisfazem, mas sei que os versos que estou para escrever me não satisfarão, também. Sei-o tanto filosoficamente, como carnalmente, por uma entrevisão obscura e gladiolada.

Você parece tomado de uma neurastenia complicada, que eu compreendo bem: como não sofreríamos nós, se vivemos os poentes incertos das nossas almas? Mas, precisamente por isso – e em oposição a isso –, rogo-lhe muito que escreva a sua obra, necessária neste mundo de longos sábados modorrentos...

Deixe a dúvida para os dias da vida, e a incerteza; mas ao escrever seja para si próprio o deus que não há, na insolência de criar o universo.

Por que duvida você do valor da sua obra? Que ouvidos tem dado a quantos não entendem o que escrevemos, pois nada neles existe com que entender? Os bonecos de palha, por mais elegantes que pareçam por fora, serão sempre de palha por dentro. Nós escrevemos as saudades dos tempos futuros e as cores que foram gente, o além-Deus e a alma que foge pela Torre Eiffel acima... E você quer que esses merceeiros de romances nos entendam?

Sempre e muito seu,

Fernando Pessoa.



Dear Pessoa,

The general revolt of the sensitive mind against the tyranny of corporeal enclosure, restricted sense-equipment, and the laws of force, space, and causation, is a far keener and bitterer and better-founded one than any of the silly revolts of long-haired poseurs against isolated and specific instances of cosmic inevitability.

But, of course, it does not take the form of personal petulance, because there is no convenient scape-goat to saddle the impersonal ill upon. Rather does it crop out as a **pervasive sadness and unplaceable impatience**, manifested in a love of strange dreams and an amusing eagerness to be galled by the quack cosmic pretensions of the various religious circuses.

I find myself more and more alone on an island, with an atmosphere almost of hostility gathering around me. I have no opinion, I believe in nothing—but assume for the time whatever opinion amuses me or is opposite to that of the person or persons present. Ho, hum! My cynicism and scepticism are increasing, and from an entirely new cause—the Einstein theory.

The latest eclipse observations seem to place this system among the facts which cannot be dismissed, and assumedly it removes the last hold which reality or the universe can have on the independent mind.

With all good wishes—

Yrs most sincerely—

HPL





Dear Lovecraft,

Não sou nada. Escrevo-lhe hoje por uma necessidade sentimental – uma ânsia aflita de falar consigo. Como de aqui se depreende, eu nada tenho a dizer-lhe. Só isto – que estou hoje no fundo de uma depressão sem fundo. O absurdo da frase falará por mim.

Em dias da alma como hoje eu sinto bem, em toda a consciência do meu corpo, que sou a criança triste em quem a vida bateu. Puseram-me a um canto de onde se ouve brincar. Sinto nas mãos o brinquedo partido que me deram por uma ironia de lata. Hoje, dia catorze de Março, às nove horas e dez da noite, a minha vida sabe a valer isto.

Se eu não estivesse escrevendo a você, teria que lhe jurar que esta carta é sincera, e que as cousas de nexo histórico que aí vão saíram espontâneas do que sinto. Mas você sentirá bem que esta tragédia irrepresentável é de uma realidade de cabide ou de chávina – cheia de aqui e de agora, e passando-se na minha alma como o verde nas folhas.

Foi por isto que o Príncipe não reinou. Esta frase é inteiramente absurda. Mas neste momento sinto que as frases absurdas dão uma grande vontade de chorar. Pode ser que se não deitar hoje esta carta no correio amanhã, relendo-a, me demore a copiá-la à máquina, para inserir frases e esgares dela no *Livro do Desassossego*. Mas isso nada roubará à sinceridade com que a escrevo, nem à dolorosa inevitabilidade com que a sinto.

Isto não é bem a loucura, mas a loucura deve dar um abandono ao com que se sofre, um gozo astucioso dos solavancos da alma, não muito diferentes destes.

De que cor será sentir?

Escrevo à pressa. Desculpe-me o meu caro amigo o cortar aqui carta. Disponha sempre do seu mt.º grato

F. Pessoa

P.S. - Desculpe o atabalhoado desta carta, em todos os seus capítulos, máquinas de escrever diferentes, etc. À força de ter tantas coisas que fazer, todas ao mesmo tempo, estou com a alma não-euclidiana. Outro dia serei (espero) de uma geometria mental mais da velha tradição.

P. S. — Escrevi esta carta de um jato. Relendo-a, vejo que, decididamente, a copiarei amanhã, antes de lha mandar. Poucas vezes tenho tão completamente escrito o meu psiquismo, com todas as suas atitudes sentimentais e intelectuais, com toda a sua histeroneurastenia fundamental, com todas aquelas interseções e esquinas na consciência de si próprio que dele são tão características...



Dear Pessoa,

I cannot even begin to compete with your highly interesting and generously proportioned letter of the 9th, but I can at least attest the sincere appreciation with which I digested that meaty document. I am grateful for the expressions of sympathy regarding my recent bereavement—an event which of course one has to recognise as inevitable, and typical of the plight of mankind amidst an indifferent universe.

Regarding my own stuff—it is regrettable fact that I am never likely to produce anything of general acceptability. The fact is, that I have absolutely nothing to say where actual, unvarnished life is concerned. The events of life are so profoundly and chronically uninteresting to me—and I know so little about them as a whole—that I can't scrape up anything in connexion with them which could possibly have the zest and tension and suspense needed to form a real story.

That is, I am incurably blind to dramatic or fictional values except where violations of the natural order are concerned.

Of course, I understand *objectively* what those values are, and apply them with fair success to the criticism and revision of others' work; but they with fair success to the criticism and revision of others' work; but they do not take hold of my imagination sufficiently to find creative expression.

When I try to think up some vivid sequence of actual events, I simply come to nothing. The spark of creation and instinctive dramatic arrangement simply isn't there. I'm not deeply interested, and I can't get deeply interested. What is more—I don't know enough about life to be an effective exponent of it. On account of my early ill-health and naturally retiring disposition my contacts with mankind—and with its varied aspects, folkways, idioms, attitudes, and standards—have been extremely limited; so that are probably very few people outside the extreme rustic class who are more fundamentally unsophisticated than myself. I don't know what different kinds of people do and think and feel and say—their lives, languages, values, and technical processes are as remote from me as the manners and customs of the Cingalese.



There is no field other than the weird in which I have any aptitude or inclination for fictional composition. Life has never interested me so much as the escape from life. However—there is a region on the border betwixt weirdness and “scientifiction” in which I might conceivably experiment. Indeed—the “Mountains of Madness” belongs largely to this type.

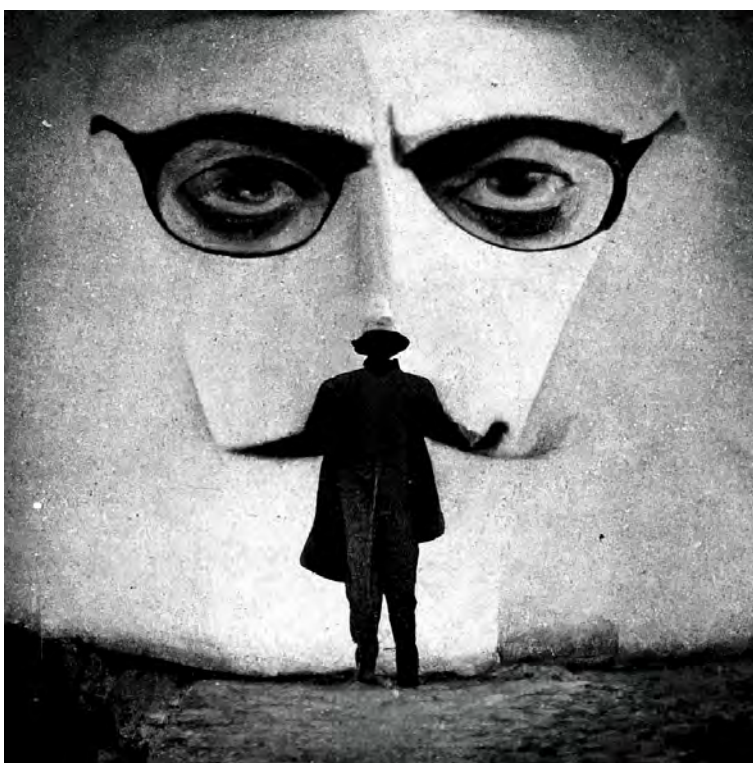
I am sure that you will, upon learning the melancholy circumstances attending its writing, excuse the striking inadequacy of this attempted reply to your piquant and well-supplemented epistle of the first. Only the pressure of extreme nerve-strain could excuse the superficiality and neglectfulness I shall probably exhibit.

I have been constantly attempting tales; though each one has been destroyed after a few pages because of the imaginative barrenness and cheap, concrete mechanicality revealed. After all, it may be that my relation to phantasy is that of the appreciative **reader and spectator** rather than that of the utterer or creator. At any rate, I shall not finish any more tales unless they are better than my previous attempts. Meanwhile the experimenting goes on... the quest for even half-way adequate images and incidents.

You are profoundly lucky to have a regular job—I'd give my eye-teeth for one.

All good wishes—Yrs by th Nine-Legged Goat of Walpurgis -

Luveh-Keraph



Amigo Luveh-Keraph,

Se todas as culpas dependem somente do destino, que nos dá existirem as revistas, e que no-las retira? A culpa, como o sucesso, é apenas uma doença dos nossos olhos.

Animador, deveras, que ainda se troce de *Orpheu*. De resto, dizem-me na livraria que venderam mais alguns exemplares. Se for necessário, autorizarei que os vendam a dez réis. Miséria... Você imagina, meu querido Lovecraft, quanto custará um *Orpheu* dentro de um século, quando a nossa revista for uma preciosidade de colecionador? Você ria, mas creia nisto solenemente.

De resto, estou sem dinheiro nenhum. O que tinha, gastei-o ainda estupidamente num livro mau. Há dois dias não pude jantar, e só não me macei muito com isso porque tinha bebido vinha na exposição do Pedro de Lima, que inaugurou o seu *studio* da Avenida da Liberdade. Mas exposições tão vinícolas não existem todos os dias.

O mais que isto é o que você acertadamente escreve na sua carta: “Que destino horrível este de não ter dinheiro”. Se tivéssemos dinheiro, porém, meu querido Amigo, que seria de nós?

Imagine-se abraçado,

Pessoa



Dear Pessoa,

I believe that weird writing offers a serious field not unworthy of the best literary artists; though it is at most a very limited one, reflecting only a small section of man's infinitely composite moods. Spectral fiction should be realistic and atmospheric - confining its departure from Nature to the one supernatural channel chosen, and remembering that scene, mood, and phenomena are more important in conveying what is to be conveyed than are characters and plot. The “punch” of a truly weird tale is simply some violation or transcending or fixed cosmic law – an imaginative escape from palling reality—hence *phenomena* rather than *persons* are the logical “heroes”. Horrors, I believe, should be *original*—the use of common myths and legends being a weakening influence. Current magazine fiction, with its incurable leanings towards conventional sentimental perspectives, brisk, cheerful style, and artificial “action” plots, does not rank high.

All my tales are based on the fundamental premise that common human laws and interests and emotions have no validity or significance in the vast cosmos-at-large. To me there is nothing but puerility in a tale in which the human form—and the local human passions and conditions and standards—are depicted as native to other worlds or other universes. To achieve the essence of real externality, whether of time or space or dimension, one must forget that such things as organic life, good and evil, love and hate, and all such local attributes of a negligible and temporary race called mankind, have any existence at all. Only the human scenes and characters must have human qualities. *These* must be handled with unsparing *realism*, (not catch-penny *romanticism*) but when we cross the line to the boundless and hideous unknown—the shadow-haunted *Outside*—we must remember to leave our humanity—and terrestriality at the threshold.



So much for theory. In practice, I presume that few commonplace readers would have any use for a story written on these psychological principles. They want their conventional best-seller values and motives kept paramount throughout the abysses of apocalyptic vision and extra-Einsteinian chaos, and would not deem an “interplanetary” tale in the least interesting if it did not have its Martian (or Jovian or Venerian or Saturnian) heroine fall in love with the young voyager from Earth, and thereby incur the jealousy of the inevitable Prince Kongros (or Zeelar or Hoshgosh or Norkog) who at once proceeds to usurp the throne etc.;

Now I couldn’t grind out that sort of junk if my life depended on it. If I were writing an “interplanetary” tale it would deal with beings organised very differently from mundane mammalia, and obeying motives wholly alien to anything we know upon Earth - the exact degree of alienage depending, of course, on the scene of the tale; whether laid in the solar system, the visible galactic universe outside the solar system, or the *utterly unplumbed* gulfs still farther out—nameless vortices of never-

dreamed-of strangeness, where form and symmetry, light and heat, even matter and energy themselves, may be unthinkably metamorphosed or totally wanting. I have merely got at the edge of this in “Cthulhu”, where I have been careful to avoid terrestrialism in the few linguistic and nomenclatural specimens from Outside which I present. All very well-but will the readers stand for it? That’s all they’re likely to get from me in the future-except when I deal with definitely terrestrial scenes—and I am the last one to urge the acceptance of material of doubtful value to the magazine’s particular purpose. Even when I deal with the mundanely weird, moreover, I shan’t be likely to stress the popular artificial values and emotions of cheap fiction.

With every good wish,

Yrs most cordially and sincerely,

Grand Pa Theobald



Meu caro Theobald,

Fernando Pessoa não existe, propriamente falando.

Invejo—mas não sei se invejo—aqueles de quem se pode escrever uma biografia, ou que podem escrever a própria. Nestas impressões sem nexos, nem desejo de nexos, narro indiferentemente a minha autobiografia sem factos, a minha história sem vida. São as minhas *Confissões*, e, se nelas nada digo, é que nada tenho que dizer.

Estou altamente neurastenizado. Trago com consciência quotidiana de mim-próprio a impressão que me perdi dentro de mim, e, andando continuamente em minha procura, tenho contudo receio de me encontrar, não vá eu descobrir-me outro.

Eu não me queixo pelo mundo. Não protesto em nome do universo. Não sou pessimista. Sofro e queixo-me, mas não sei se o que há de geral é o sofrimento nem sei se é humano sofrer. Que me importa saber se isso é certo ou não?

Eu sofro, não sei se merecidamente. (Corça perseguida.) Eu não sou pessimista, sou triste.

Escrevo esta carta, antes de tudo, por ter a necessidade psíquica absoluta de lha escrever.

Estou outra vez preso de todas as crises imagináveis, mas agora o assalto é total. Numa coincidência trágica, desabaram sobre mim crises de várias ordens. Estou psiquicamente cercado.

Pedia-lhe o favor de não falar nisto a ninguém. Não há vantagem nenhuma, e há muitas desvantagens (algumas, talvez, de ordem desconhecida) em fazê-lo.

Creia-me sempre, com o maior apreço e a maior simpatia,

Fernando



Dear Fernando,

As for the future of Western Civilisation—and of any other cultures which the planet may preserve or develop—far be it from me to be dogmatic. **All I deal in is probabilities.**

Contrary to what you may assume, **I am not a pessimist but an indifferentist**—that is, I don't make the mistake of thinking that the resultant of the natural forces surrounding and governing organic life will have any connexion with the wishes or tastes of any part of that organic life-process. Pessimists are just as illogical as optimists; insomuch as both envisage the aims of mankind as unified, and as having a direct relationship (either of frustration or of fulfilment) to the inevitable flow of terrestrial motivation and events.



That is—both schools retain in a vestigial way the primitive concept of a conscious teleology of a cosmos which gives a damn one way or the other about the especial wants and ultimate welfare of mosquitoes, rats, lice, dogs, men, horses, pterodactyls, trees, fungi, dodos, or other forms of biological energy.

And I fear the meliorist is not altogether free from this illusion, either. But the *indifferentist* is.

He alone of all thinkers is willing to view the future of the planet *impartially*—without assigning (as indeed there is absolutely no ground for assigning) any preponderance of evidential value to such factors as appear to argue a course pleasant to himself. Not that he is especially looking for anti-human outcomes, or that he has any pleasure in contemplating such.

It is merely that, in judging evidence, *he does not regard the quality of favourableness to man as any intrinsic mark of probability*. Neither does he regard it as any intrinsic mark of improbability—he simply knows that this quality has nothing to do with the case; that the interplay of forces which govern climate, behaviour, biological growth and decay, and so on, is too purely universal, cosmic, and eternal a phenomenon to have any relationship to the immediate wishing—phenomena of one minute organic species on our transient and insignificant planet.

Certainly do not disagree with you concerning the essential solitude of the individual, for it seems to me plainest of all truths that no highly organised and freely developed mind can possibly envisage an external world having much in common with the external world envisaged by any other mind.

The basic inclinations, yearnings, and ego-satisfactions of each separate individual depend wholly upon a myriad association, hereditary predispositions, environmental accidents, and so on, which cannot possibly be duplicated in any other individual; hence it is merely foolish for anybody to expect himself to be “**understood**” more than vaguely, approximately, and objectively by anybody else.

For example, I am perfectly confident that I could never adequately convey to any other human being the precise reasons why I continue to refrain from **suicide**—the reasons, that is, why I still find existence enough of a compensation to atone for its dominantly burthensome quality.

And so it goes. All good wishes, & thanks for the pictures.

Yrs in the ritual of Zaman-ho—

E'ch-Pi-El



Meu Ex.^{mo} Amigo E'ch-Pi-El:

O escrúpulo é a morte da acção. Pensar na sensibilidade alheia é estar certo de não agir. Não há acção, por pequena que seja — e quanto mais importante, mais isso é certo — que não fira outra alma, que não magoe alguém, que não contenha elementos de que, se tivermos coração, nos não tenhamos que arrepender. Muitas vezes tenho pensado que a filosofia real do eremita estará antes no esquivar-se a ser hostil, pelo simples facto de viver, do que em qualquer pensamento directamente relacionado com o isolar-se.

Aguardando com muito interesse a sua opinião, e agradecendo antecipadamente,
Barão de Teive



Dear Baron:

Yours of the 23rd found me in a state of utter disorganisation — with a programme hopelessly crowded with unperformable tasks, and health close to the breaking-point from nerve-strain and gripe. For about a fortnight I could hardly stay up many hours at a time, but I am now rather better — though still so shaky in the muscles that you'd probably find my script unreadable. Hence the typing.

These reasons are strongly linked with architecture, scenery, and lighting and atmospheric effects, and take the form of vague impressions of adventurous expectancy coupled with elusive memory — impressions that certain vistas, particularly those associated with sunsets, are avenues of approach to spheres or conditions of wholly undefined delights and freedoms which I have known in the past and have a slender possibility of knowing again in the future.

Just what those delights and freedoms are, or even what they approximately resemble, I could not concretely imagine to save my life; save that they seem to

concern some ethereal quality of indefinite expansion and mobility, and of a heightened perception which shall make all forms and combinations of beauty simultaneously visible to me, and realisable by me.

I might add, though, that they invariably imply a total defeat of the laws of time, space, matter, and energy—or rather, an individual independence of these laws on my part, whereby I can sail through the varied universes of space-time as an invisible vapour might... upsetting none of them, yet superior to their limitations and local forms of material organisation.

The commonest form for my imaginative aspiration—that is, the commonest definable form—is a motion backward in time, or a discovery that **time** is merely and **illusion** and that **the past is simply a lost mode of vision** which I have a chance of recovering.

Now this all sounds damn foolish to anybody else—and very justly so. There is no reason why it should sound anything except damn foolish to anyone who has not happened to receive precisely the same series of inclinations, impressions, and background-images which the purely fortuitous circumstances of my especial life have chanced to give to me.

Yrs by the Vengeance of Beast—

Luveh-Keraph



Estimado Luveh-Keraph,

Perdoe a demora. Mas você sabe como as coisas se passam, ou se interrompem, no meu espírito: não posso expor uma simples ideia sem muitas outras ideias contrárias me assaltarem, reivindicando existência, obrigando a rever de cada vez

todo o Sistema, complicando absurdamente a exposição do meu estado de alma, alheio a si próprio e por severa disciplina descrente de tudo.

Você é dos raros, se não o único entre os meus amigos, que compreende a minha necessidade de criar mitos. Você sabe que, em quanto escrevemos, começamos por figurar as coisas do mundo, e as afeiçoamos em beleza – mas apenas baças que nos cercam, e que objectivam os nossos espíritos no espelho falso das formas. Apenas você sabe que os nossos poemas inventam o universo, não o reproduzem. Como então, criando mitos mais reais do que o mundo, estaríamos nós limitados pelo espaço, pelo tempo, por todas as leis do tédio e dos deuses mortos?

Perdoe a imodéstia

O palco desolado de uma crise infinita.

F. Pessoa



Dear Pessoa:

Your interesting letter, received and appreciated.

For me, the chief difficulty of writing an autobiography is finding anything of importance to put in it. My existence has been a quiet, uneventful, and undistinguished one; and at best must sound woefully flat and tame on paper.

Everything which I wish I could formulate and express, I have failed to formulate and express. Everything which I value, I have either lost or am likely to lose. Within a decade, unless I can find some job paying at least \$10.00 per week, I shall have to take the cyanide route through inability to keep around me the books, pictures, furniture, and other familiar objects which constitute my only remaining reason for keeping alive. And so far as *solitude* is concerned, I probably capture all medals. In Providence I have never seen a congenial mind with which I could exchange ideas,

and even among my correspondents there are fewer and fewer who coincide with me on enough points to make discourse enjoyable except on a few specialised points.

I shall be perfectly content to camp here amidst diminishing possessions. Only one thing I must have *now*, I and that is a *couch*. I *will not* have a *bed* in my room, for it must be primarily a pleasant study as now. I am now used to sleeping on a narrow couch, (I never *open* the one here when alone) and wish a cheap specimen of the same (it needn't be an unfolding one—just a slim single steel-frame device) to precede me to the new place.

Best wishes—and hope you can excuse this dull letter

Thine in the Kshan Ritual—

Your ancient Grandsire

E'ch-Pi-El



My dear E'ch-Pi-El:

Venerable portion of earthly existence!

In a few moments of concatenated mental activity, not unassisted by the carnal fumes of the alcoholic beverage—no more and no less than wine—not exclusive to this locality, my soul felt, like a mental sigh) the necessity of giving expression to its present state and tendencies to a friendly brain such as yours.

Lonely and silente in my transitory place of existence in the hotel mentioned in the heading of this explosive epistle of an overburdened soul, feeling the world around me morally cold and materially warm—below zero towards my soul and not far from 40 in relation to my body—in these distressing and inspiring circumstances the thought has come upon me that perhaps the indicting of this epistolary composition may be subjectively conductive to an alleviation of my earthly lot at this moment, may be the «balm in Gilead», dreamt of Poe, to my unsistered spirit.

Hence this letter. Fare thee well.

Pessoa



Dear Pessoa,

Your reminiscences of alcoholic vicissitudes are certainly colourful in the extreme—especially that of the Christmas party which coincided so infelicitously with the bandit raid. For my part, I’ve never been able to figure out why people seem to find artificial paradise of alcoholic excitation so necessary to their happiness. I’m 42—or will be next month—and have never touched alcoholic liquor in any form... nor do I ever intend to do so. And yet I don’t feel any dearth of colour or interest in the world around. My imagination seems to work in a fairly satisfying way without the aid of external impetus. I don’t see anything at all graceful or attractive about the phenomenon of drunkenness, but on the other hand see in it considerable of an obstacle to the efficient administration of society.

Well—now to work. Thine in the Black Brotherhood

E’ch-Pi-El



Caro E’ch-Pi-El,

Escrevo-lhe a desoras da Delicadeza.

Eu tenho passado bem de saúde e o espírito tem estado curiosamente menos maldisposto. Ainda assim uma vaga inquietação anda a torturar-me, uma coisa a que eu não posso chamar senão uma comichão intelectual, como se eu fosse ter bexigas na alma. É só nesta linguagem absurda que eu lhe posso descrever o que

sinto. Em torno a mim está-se tudo afastando e desmoronando. Não emprego estes dois verbos no sentido entristecedor. Quero apenas dizer que na gente com quem lido se estão dando, ou se vão dar, mudanças, acabares de períodos de vida, e que tudo isto – como a um velho que vê morrerem em seu redor os seus companheiros de infância, a sua morte parece próxima – me sugere não sei de que misteriosa maneira, que a minha deve, vai mudar também. Repare que eu não creio que esta mudança vá ser para pior; creio o contrário. Mas é uma mudança, e para mim mudar, passar de uma coisa para ser outra, é uma morte parcial; morre qualquer coisa de nós, e a tristeza do que morre e do que passa não pode deixar de nos roçar pela alma.

Este mundo com suas cidades e seus campos, com seus movimentos nítidos e inítidos, com suas superficialidades, estranhezas, e com suas intimidades e – este mundo parece-me monstruosamente inexistente, um absurdo mais que sonhado de sonho. Dá-me ares de não existir.



E quando, fitando, no alinhamento vazio destas ruas, estes palácios, palacetes, casas e casarões eu me abismo na contemplação não consigo convencer-me de que realmente ouço e vejo – parece-me tudo uma aparência monstruosa, um arremedo de existência lugubrememente ridícula.

Tudo é vazio e oco – corpo e alma. Obedece à necessidade social de reacção contra o materialismo e até o cristianismo (espiritualismo materialista).

Le monde est éternel dans ce qu'il n'est pas.

Seu muito dedicado e grato,

Fernando Pessoa





Dear Pessoa,

I trust you have not wholly given me up for lost despite my protracted silence.

The reason I have been more “melancholy” than usual in the last few years is that I am coming to distrust more and more the value of the material I produce. Adverse criticism has of late vastly undermined my confidence in my literary powers. And so it goes.

My absence of acute happiness is in the main a direct result of my own limitations.

To be *bitter* or *resentful* over something for which only nature and chance are responsible, would be the apex of folly and irrationality. Who can be angry when there is no guiding consciousness to be “angry” at? Everything is just as blind and uncontrollable cosmic chance determines it.

Therefore I simply say “Oh, what the hell”... and let things muddle along as they will... meanwhile trying to make the most of what meagre endowments, environmental advantages, and intellectual, aesthetic, and antiquarian interests I happen to have at my disposal. I couldn’t help matters by brooding on the fact some *others* are more happily situated.

What’s that to me? The happiness of others needn’t make *me* any the more miserable! So I forego the masochistic luxury of mourning, and simply have as good a time as I can with the existing set-up. And at that, it isn’t so bad. I’m no pining and picturesque victim of melancholy’s romantic ravages. I merely shrug my shoulders, recognise the inevitable, let the world march past, and vegetate along as painlessly as possible. I suppose I’m a damned sight better off than millions. There are dozens of things I can actually enjoy.

Well—I must get back to the revisory drudgery! With best wishes, and hoping that no unexpected earthquake may swallow you up, I remain

Yrs for the Black Chant,

HPL



Meu querido HPL,

Muito obrigado pela sua carta, assim como pela anterior.

A tragédia principal da minha vida é, como todas as tragédias, uma ironia do Destino. Repugno a vida real como uma condenação; repugno o sonho como uma libertação ignobil. Mas vivo o mais sordido e o mais quotidiano da vida real; e vivo o mais intenso e o mais constante do sonho. Sou como um escravo que se embebedada á sesta – duas misérias em um corpo só.

Para compreender, destrui-me. Compreender é esquecer de amar.

Chego à janela para me distrair. Vejo um cocheiro. Invejo-lhe a vida – o nada daquela vida – como uma cousa altamente romântica, como se inveja, na juventude, a vida de pirata, de aventureiro.

E para mim, idealista integral, o próprio mundo, o universo inteiro, não é senão um boato e um boato falso. Todos os seus seres, tempos, lugares e são boatos, rumores, e julgares, que o desaparecer e passar deles continuamente desmente. Parece-nos haver em **trans-realidade** tal ser, tal cousa; mas em breve, no deixar de ser e de se mostrar, nos indica que falsamente era e sem realidade parecia ser. Esperança, amor, ilusão, a crença ansiada no futuro, a confiança trémula no presente, tudo isto cessa nos seus objectos e em si. Passar é desmentir-se. Não há mais para nós do que a superfície das cousas e essa superfície finge-se-nos realidade. Não temos modo de ter outra. A vida, toda a vida, é o eterno boato, e a morte, toda a morte, o eterno desmentido.

Para ter horror ao universo como ser, tanto nos basta ser extremosos de imaginação, como extremistas da fantasia. Todos os caminhos do pensamento levam àquela Roma da dor cujo supremo pontífice não dá audiência ao raciocínio, nem bulas ao sentimento.

Disponha sempre do seu dedicadíssimo
Fernando Pessoa



Dear Pessoa:

Just finished a 69 page typing job and got it out of the house, hence dropped into a sort of loquacious vacational mood as a reaction!

As I grow older, I lose much of the prejudice and shallow enthusiasm for empirical and accepted traditions which retarded my progress toward realism in earlier years. I have today not a single well-defined wish save to die or to learn facts. This position makes me eminently receptive, for a new idea no longer meets with any conflict from old ideas—I can **change** my theories as often as valid evidence is changed, or as my judgment improves through exercise in the province of philosophical reflection. I am, I hope, now a complete machine without disturbing and biasing volition; a machine for the reception and classification of ideas and the construction of theories. As such, I may say that the obsolescence of religion and idealism as systems of enlightened thought is impressed upon me with redoubled force. If anything is true, it is that these beliefs are soon to be finally extinct until some cataclysm shall wipe out civilisation and inaugurate **a new Dark Age of myth and ignorance**.

With my rotten memory I lose the details of half the stuff I read in six months' or a year's time, so that in order to give any kind of intelligent comment on the high spots I selected, I had to give said spots a thorough re-reading.

I must bring this to a close, since an array of forwarded mail fairly engulfs me. Later I'll show you some snapshots & other souvenirs of my sojourn—including

photographs of some of the weird clay statuary that Barlow makes, & bits of skin from various kinds of local snakes.

Well—thanks for those truly fascinating drawings—& also for the stamps.

Yrs in the Dark Brotherhood

E'ch-Pi-El



Meu querido amigo:

Muito obrigados – nós todos – pelos seus poemas. Chegaram a tempo, muito a tempo; está já composta e impressa a folha do *Orpheu* em que eles estão. A revista deve estar inteiramente pronta aí por 25 deste mês. De maneira que só para a mala do dia 4 de Abril lha poderemos mandar.

Para essa mala mais detidamente lhe escreverei.

Abraça-o muito apertamente o seu

Fernando Pessoa

Bibliografia



- EIRAS, Pedro (2016). *Cartas Reencontradas de Fernando Pessoa a Mário de Sá-Carneiro*. Lisboa: Assírio & Alvim.
- HARMAN, Graham (2012). *Weird Realism: Lovecraft and Philosophy*. Winchester; Washington: Zero Books.
- HOUELLEBECQ, Michel (2010) *H.P. Lovecraft : Contre le monde, contre la vie*. Paris: J'ai lu.
- JOSHI, S. T. (2014). *Lovecraft and a World in Transition. Collected Essays on H.P. Lovecraft*. New York: Hippocampus Press.
- ____ (2011). *Dissecting Cthulhu. Essays on the Cthulhu Mythos*. Lakeland: Miskatonic River Press.
- ____ (2003). *Primal Sources. Essays on H.P. Lovecraft*. New York: Hippocampus Press.
- LOVECRAFT, H.P. (2017a). *A Means to Freedom. The Letters of H. P. Lovecraft and Robert E. Howard*, vol. I, 1930-1932. Edited by S. T. Joshi, David E. Schultz and Rusty Burke. New York: Hippocampus Press.
- ____ (2017b). *A Means to Freedom. The Letters of H. P. Lovecraft and Robert E. Howard*, vol. II, 1933-1936. Edited by S. T. Joshi, David E. Schultz and Rusty Burke. New York: Hippocampus Press.
- ____ (2017c). *Dawnward Spire, Lonely Hill. The Letters of H. P. Lovecraft and Clark Ashton Smith*, vol. I, 1922-1931. Edited by David E. Schultz and S. T. Joshi. New York: Hippocampus Press.
- ____ (2017d). *Dawnward Spire, Lonely Hill. The Letters of H. P. Lovecraft and Clark Ashton Smith*, vol. II, 1932-1937. Edited by David E. Schultz and S. T. Joshi. New York: Hippocampus Press.
- ____ (2015). *Letters to Robert Bloch and Others*. Edited by David E. Schultz and S. T. Joshi. New York: Hippocampus Press.
- ____ (2014). *The New Annotated H. P. Lovecraft*. Edited with a foreword and notes by Leslie S. Klinger. Introduction by Alan Moore. New York: Liveright Publishing Corporation.
- ____ (2013a). *Essencial Solitude. The Letters of H.P. Lovecraft and August Derleth: 1926-1931*. Edited by S. T. Joshi and David E. Schultz. New York: Hippocampus Press.
- ____ (2013b). *The Ancient Track. The Complete Poetical Works of H. P. Lovecraft*. Edited by S. T. Joshi. New York: Hippocampus Press.
- ____ (2008). *The Complete Fiction*. New York: Barnes & Noble.
- ____ (2006). *Lovecraft's New York Circle. The Kalem Club, 1924-1927*. Edited by Mara Kirk Hart and S. T. Joshi. New York: Hippocampus Press.
- ____ (2005). *Letters from New York*. Edited by S. T. Joshi and David E. Schultz. San Francisco: Night Shade Books.
- ____ (2004). *Collected Essays*. Edited by S. T. Joshi. New York: Hippocampus Press. 5 vols.
- ____ (2002). *The Call of Cthulhu and other Weird Stories*. Edited by S. T. Joshi. London: Penguin Books.
- ____ (2001). *An H.P. Lovecraft Encyclopedia*. Ed. by S. T. Joshi and David E. Schultz. New York: Hippocampus Press.

- _____. (2000). *H. P. Lovecraft. Lord of a Visible World. An Autobiography in Letters*. Edited by S. T. Joshi and David E. Schultz. Athens: Ohio University Press.
- _____. (1999). *More Annotated H.P. Lovecraft*. Edited by S. T. Joshi and Peter Cannon. New York: A Dell Trade Paperback.
- _____. (1996). *H. P. Lovecraft: A Life*. Edited by S. T. Joshi. West Warwick: Necronomicon Press.
- PESSOA, Fernando (2016a). *Eu Sou Uma Antologia: 136 Autores Fictícios*. Edição de Jerónimo Pizarro e Patricio Ferrari. Lisboa: Tinta-da-china.
- _____. (2016b). *Obra Completa de Ricardo Reis*. Edição de Jerónimo Pizarro e Jorge Uribe. Lisboa: Tinta-da-china.
- _____. (2014a). *Obra Completa de Álvaro de Campos*. Edição de Jerónimo Pizarro e Antonio Cardiello. Lisboa: Tinta-da-china.
- _____. (2014b). *Quaresma, Decifrador – As Novelas Policiárias*. Edição de Ana Maria Freitas. Lisboa: Assírio & Alvim.
- _____. (2013). *O Regresso dos Deuses e Outros Escritos de António Mora*. Edição de Manuela Parreira da Silva (2013). Lisboa: Assírio & Alvim.
- _____. (1998). *Correspondência, 1923-1935*. Edição de Manuela Parreira da Silva. Lisboa: Assírio & Alvim.
- _____. (1999a). *A Educação do Estóico*. Edição de Richard Zenith. Lisboa: Assírio & Alvim.
- _____. (1999b). *Correspondência, 1905-1922*. Edição de Manuela Parreira da Silva. Lisboa: Assírio & Alvim.
- _____. (1968). *Textos Filosóficos*. Estabelecidos e prefaciados por António de Pina Coelho. Ática. Lisboa.
- _____. (1966). *Páginas Íntimas e de Auto-Interpretação*. Textos estabelecidos e prefaciados por Georg Rudolf Lind e Jacinto do Prado Coelho. Ática, Lisboa.
- PESSOA, Fernando; QUEIROZ, Ofélia (2012). *Cartas de Amor*. Edição de Manuela Parreira da Silva. Lisboa: Assírio & Alvim.
- SCHWEITZER, Darrell (2001). *Discovering H. P. Lovecraft*. Holicong: Wildside Press.



EDGAR PÊRA graduou-se na área de montagem na Escola de Cinema do Conservatório Nacional (actual Escola Superior de Teatro e Cinema) em 1984, assumindo pouco depois a persona de Homem-Kâmara, dedicando-se a filmar o quotidiano de bandas pop-rock portuguesas – suas cúmplices na atitude *do it yourself* – como os Xutos e Pontapés, Heróis do Mar e GNR. Seguiram-se filmes, como a longa-metragem heteronímica *A Janela (Maryalva Mix)* e outros que alternam entre o discurso em directo dos pensadores-convidados dos seus filmes, como *Manual de Evasão LX94* (1994; com Terence McKenna, Robert Anton Wilson e Rudy Rucker) e a adaptação de textos, como *O Barão* (2011) e a ficção distópica *Caminhos Magnétykos* (2018). Em 2004 decorreu a sua primeira retrospectiva internacional no World Wide Video Festival, em Amesterdão. Em 2006 recebeu, em Paris, o Prémio Pier Paolo Pasolini, juntamente com Alejandro Jodorowsky e Fernando Arrabal, e, em 2010, iniciou a investigação sobre o formato estereoscópico, para a tese de doutoramento *O Espectador Espantado* (UALG – Comunicação Cultura e Arte), assinando diferentes filmes em 3D, como *Cinesapiens* (2013; do tríptico *3X3D*, com Jean-Luc Godard e Peter Greenaway), *Lisbon Revisited* (2014; viagem percepcionista a uma Lisboa habitada por fantasmas pessoanos,), e *KINORAMA – Beyond The Walls of The Real* (2021), com textos de H. P. Lovecraft. Às retrospectivas na Cinemateca de Seul (2014), e na Fundação de Serralves (2018) seguiu-se a sua maior retrospectiva de sempre, no Festival Internacional de Cinema de Roterdão (2019). Em 2021 inaugurou os cine-koncertos CINEKOMIX!!!, a partir da série com o mesmo nome, baseada em 3 décadas de entrevistas suas a alguns dos mais importantes autores mundiais da Nona Arte, tais como Art Spiegelman, Will Eisner e Neil Gaiman. Em 2023, estreará o filme inspirado no complexo *drama em gente pessoano, Não Sou Nada – The Nothingness Club*.

EDGAR PÊRA graduated in editing at the Escola de Cinema of the National Conservatory (current Escola Superior de Teatro e Cinema) in 1984, shortly afterwards assuming the persona of Homem-Kâmara, dedicating himself to filming the daily lives of pop-rock Portuguese bands – their accomplices in the do-it-yourself attitude – such as Xutos e Pontapés, Heróis do Mar and GNR. Films followed, such as the heteronymous feature film *A Janela (Maryalva Mix)* and others that alternate between the live discourse of guest-thinkers in his films, such as *Manual de Evasão LX94* (1994; with Terence McKenna, Robert Anton Wilson and Rudy Rucker) and the adaptation of texts, such as *O Barão* (2011) and the dystopian fiction *Caminhos Magnétykos* (2018). In 2004, his first international retrospective took place at the World Wide Video Festival, in Amsterdam. In 2006 he received, in Paris, the Pier Paolo Pasolini Prize, together with Alejandro Jodorowsky and Fernando Arrabal, and, in 2010, he began research on the stereoscopic format, for his doctoral thesis *O Espectador Espantado* (UALG – Comunicação Cultura e Arte), signing different 3D films, such as *Cinesapiens* (2013; from the *3X3D* triptych, with Jean-Luc Godard and Peter Greenaway), *Lisbon Revisited* (2014; perceptionist journey to a Lisbon inhabited by Pessoaan ghosts), and *KINORAMA – Beyond The Walls of The Real* (2021), with texts by H. P. Lovecraft. Retrospectives at Cinemateca de Seoul (2014) and Fundação de Serralves (2018) were followed by his biggest ever retrospective at the Rotterdam International Film Festival (2019). In 2021, he inaugurated the cinema-koncertos CINEKOMIX!!!, based on the series of the same name, based on 3 decades of interviews with some of the most important authors in the world of the Ninth Art, such as Art Spiegelman, Will Eisner, and Neil Gaiman. In 2023, the film inspired by the complex Pessoaan *drama in gente, Não Sou Nada – The Nothingness Club*, will be released.

